



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
Faculdade de Ciências da Saúde  
Departamento de Enfermagem  
Campus Universitário Darcy Ribeiro – Brasília/DF

GABRIELA DUARTE ALMEIDA MUNDIM

**ABORDAGENS DO CUIDADO NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DA ENFERMAGEM:  
REEDIÇÃO OU COMBATE AO ESTEREÓTIPO DA “CUIDADORA NATURAL”?**

Brasília- DF

2022

GABRIELA DUARTE ALMEIDA MUNDIM

**ABORDAGENS DO CUIDADO NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DA ENFERMAGEM:  
REEDIÇÃO OU COMBATE AO ESTEREÓTIPO DA “CUIDADORA NATURAL”?**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Enfermagem, da Universidade de Brasília como requisito parcial à obtenção do título de Enfermeira.

Orientadora: Prof. Dra. Maria Raquel Gomes Maia Pires

Brasília-DF

2022

GABRIELA DUARTE ALMEIDA MUNDIM

**ABORDAGENS DO CUIDADO NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DA ENFERMAGEM:  
REEDIÇÃO OU COMBATE AO ESTEREÓTIPO DA “CUIDADORA NATURAL”?**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Enfermagem, da Universidade de Brasília como requisito parcial à obtenção do título de Enfermeira.

Orientadora: Prof. Dra. Maria Raquel Gomes Maia Pires

**BANCA EXAMINADORA**

Profa. Dra. Maria Raquel Gomes Maia Pires – Presidente

Profa. Dra. Aline Oliveira Silveira – Membro titular

Msc. Aline Xavier da Silva – Membro titular

Brasília-DF

2022

## RESUMO

**INTRODUÇÃO:** A questão norteadora desta pesquisa é: As abordagens do cuidado na produção científica da enfermagem reeditam ou criticam o estereótipo da “cuidadora natural”? O argumento central desta pesquisa é que o estereótipo da cuidadora natural está hegemonicamente presente no discurso da enfermagem. **OBJETIVO:** Analisar de que forma as abordagens sobre o cuidado se apresentam na produção científica nacional e internacional da enfermagem em relação aos estereótipos de gênero presentes na “cuidadora natural”. **METODOLOGIA:** Trata-se de uma pesquisa exploratória de abordagem qualitativa que se subdivide em duas etapas. Na primeira, é feita uma revisão narrativa para elaboração de categorias teóricas a partir da epistemologia feminista; a segunda consiste numa Revisão de Escopo sobre abordagens do cuidado na produção científica da enfermagem, com problematizações acerca da reedição ou crítica dos estereótipos de gênero. Ao final, fez-se a triangulação de dados entre as duas etapas. **RESULTADOS:** Foi construído um quadro com categorias teóricas e questões de análise do estereótipo da cuidadora natural na enfermagem com base na epistemologia feminista. Chegou-se a três temáticas principais que geraram as respectivas questões de análise: gênero; trabalho do cuidado; cuidadora natural na enfermagem. A revisão de escopo selecionou 15 artigos oriundos da América Latina e do Reino Unido que abordam o cuidado na enfermagem, segundo critérios de elegibilidade. Quase metade deles (n = 7; 46%) não declarou a concepção de cuidado, e naqueles que conceituaram (n = 8; 52%) predominaram as visões de “Cuidado como prática essencialmente humana” (n = 3; 20%) e “Cuidado destituído de relações de poder e gênero” (n = 3; 20%). Em contraponto, dois artigos apresentaram a concepção de “Trabalho do cuidado” consonante com a crítica feminista. As seguintes categorias empíricas foram extraídas a partir das teóricas: 1- Gênero: Uso da categoria gênero sem definição, discussão ou com contradições (n = 12; 80%); Gênero como categoria analítica da crítica feminista (n = 3; 20%); 2- Trabalho do cuidado: Cuidado Despolitizado (n = 7; 46%); Presença ou discussão das relações entre poder e gênero no cuidado (n = 2; 14%); Precarização do trabalho feminino (n = 6; 40%); 3- Cuidadora natural na enfermagem: Reedição do estereótipo da cuidadora natural (n = 12, 80%); Crítica ao estereótipo da cuidadora natural (n = 3; 20%). **CONCLUSÃO:** Em resposta à questão principal desta pesquisa, qual seja, se a produção científica acerca do cuidado na profissão reedita ou critica o estereótipo da cuidadora natural, concluímos pela hegemonia do discurso da enfermagem permeado pelo estereótipo da “cuidadora natural” que ratifica a naturalização do cuidado e a divisão sexual do trabalho.

**Palavras-chave:** Enfermagem; gênero; cuidado.

## ABSTRACT

**INTRODUCTION:** The guiding question of this research is: Do the approaches to care in the scientific production of nursing reedit or criticize the stereotype of the “natural caregiver”? The central argument of this research is that the stereotype of the natural caregiver is hegemonically present in the discourse of nursing. **OBJECTIVE:** To analyze how approaches to care are presented in national and international scientific production of nursing in relation to gender stereotypes present in the “natural caregiver”. **METHODOLOGY:** It consists of exploratory research with a qualitative approach that is subdivided into two stages. In the first stage, a narrative review is carried out for the elaboration of theoretical categories from feminist epistemology; the second stage consists of a Scope Review on approaches to care in the scientific production of nursing, with problematizations about the reediting or criticism of gender stereotypes. At the end, data triangulation was carried out between the two stages. **RESULTS:** A table was constructed with theoretical categories and questions of analysis of the stereotype of the natural caregiver in nursing based on feminist epistemology. Three main themes were reached, which generated the respective questions of analysis: gender; work of care; natural caregiver in nursing. The scope review selected 15 articles from Latin America and the United Kingdom that address care in nursing, according to eligibility criteria. Almost half of those (n = 7; 46%) did not define the concept of care, and in those that conceptualized it (n = 8; 52%) predominated the views of “Care as an essentially human practice” (n = 3; 20%) and “Care devoid of power and gender relations” (n = 3; 20%). In counterpoint, two articles presented the conception of “Work of care” consonant with feminist criticism. The following empirical categories were extracted from the theoretical ones: 1- Gender: Use of the gender category without definition, discussion or with contradictions (n = 12; 80%); Gender as an analytical category of feminist criticism (n = 3; 20%); 2- Care work: Depoliticized care (n = 7; 46%); Presence or discussion of the relations between power and gender in care (n = 2; 14%); Precarization of women’s work (n = 6; 40%); 3- Natural caregiver in nursing: Reediting of the stereotype of the natural caregiver (n = 12, 80%); Criticism of the stereotype of the natural caregiver (n = 3; 20%). **CONCLUSION:** In response to the main question of this research, that is, whether the scientific production about care in the profession reedit or criticizes the stereotype of the natural caregiver, we conclude the hegemony of the nursing discourse permeated by the stereotype of the “natural caregiver” that ratifies the naturalization of care and the sexual division of labor.

**Keywords:** Nursing; gender; care.

## 1 INTRODUÇÃO

Em sua historicidade, a enfermagem carrega a dualidade e ambiguidades entre imagens ora sacralizadas, ora sexualizadas, ora fetichizadas, ora estigmatizadas, o que repercute em desigualdades de gênero (PIRES, 2017). Por ser majoritariamente (85%) composta por mulheres<sup>1</sup> (MACHADO, 2015), historicamente essa categoria profissional é imbricada de estereótipos relacionados a gênero, classe, geração e raça, que foram consolidados ao longo da sua trajetória de profissionalização, entre eles, o estereótipo da cuidadora natural, objeto do presente estudo (HIRATA, 2016; PIRES, 2009).

Esse estereótipo incide sobre o Trabalho do Cuidado, ou seja, aquele exercido por meio de atividades centradas no cuidado dos outros, e sobre todas as pessoas que o exercem (MOLINIER, 2010; PIRES, 2017). O estereótipo da cuidadora natural se configura como uma cristalização no imaginário da mulher como “vocacionada” a cuidar, devido a uma suposta natureza feminina que a favorece enquanto cuidadora e, conseqüentemente, responsabiliza-a pelas atividades relacionadas ao cuidado (PIRES, 2017).

Esse estereótipo reforça a ideia de que existem atividades que são naturalizadas, digo, determinadas como inerentemente femininas, embora sejam construções sociais, entre elas aquelas relacionadas ao cuidado – de crianças, idosos, inválidos e do lar –, que são desvalorizadas socialmente, mal remuneradas (por vezes, não remuneradas) e precarizadas. Estando atrelado ao âmbito doméstico, o lugar social do cuidado é naturalizado como feminino, sob o pretexto de predestinação biológica, relegando as mulheres às assimetrias da esfera de vida privada, ao passo que a esfera pública estaria acessível apenas aos homens (MIGUEL; BIROLI, 2019). Assim, o estereótipo da cuidadora natural ratifica as injustiças do trabalho do cuidado e acentua a violência de gênero sobre as mulheres (PIRES, 2017).

Nas discussões sobre o trabalho do cuidado na perspectiva da sociologia das emoções, este é visto como atenção constante que visa melhorar o bem-estar de outrem (HIRATA, 2012; PIRES, 2016). Nessa ótica, ao abordar o cuidado como elemento central para a concretização da democracia, Flávia Biroli (2018) remete à obra de Tronto (2007) e discorre sobre as repercussões injustas da naturalização do cuidado como inerentemente feminino, entre elas, a precarização das relações de trabalho; dificuldade de acesso aos espaços políticos; dupla/tripla jornada de trabalho; baixa remuneração; baixo reconhecimento social; e expropriação do tempo

---

<sup>1</sup> Considerando este dado, optou-se por se referir às profissionais de enfermagem no feminino, de modo a se contrapor às normas linguísticas que invisibilizam mulheres.

e energia de mulheres a partir da alienação do trabalho, questões que implicam em maior vulnerabilidade e injustiças.

Como consequência dessas iniquidades, o acesso feminino à profissionalização e a entrada no mercado de trabalho se deram tardiamente, por meio de profissões que representavam uma extensão dessa “natureza essencialmente feminina” e maternal, tal como a enfermagem (MIGUEL; BIROLI, 2019). A essas profissões foram incorporados atributos morais e características de abnegação, vocação e afetividade, de forma a oprimir, “fetichizar” (encantar, tornar oculto), invisibilizar e desvalorizar o trabalho feminino, contribuindo para a fetichização da feminilidade/domesticidade feminina e naturalização dos estereótipos de gênero na profissão (PIRES, 2016; ZANELLO, 2018).

Ao longo do processo de profissionalização da enfermagem, sua precursora, Florence Nightingale (1820-1910), aristocrata da era vitoriana, reforçou como valores morais fundadores de seu modelo de formação imagens sacralizadas, assexuadas e vocacionais, que por sua vez ratificam o estereótipo da cuidadora natural. Ehrenreich e English (2010) enfatizam a importância de analisar quem foram as mulheres que moldaram a imagem da enfermeira, pois assim podemos desvelar os valores vitorianos sexistas que, ainda hoje, estão presentes na opressão de nós mulheres, enfermeiras ou não (EHRENREICH; ENGLISH, 2010; PIRES, 2016).

Historicamente, a enfermagem moderna, imbricada com os cuidados domésticos e com a maternidade, nasce influenciada pelo modelo nightingaleano inglês de formação como uma profissão marcada pelas desigualdades de gênero. A crítica que se faz a esse modelo de ensino diz respeito à influência de valores patriarcais. Nesse contexto, a enfermagem se consolida como uma profissão feminilizada, moralmente demarcada, que reproduz a figura materna, executando tarefas subalternas e submissas à classe médica, em geral.

Sobre a feminização da enfermagem e a naturalização do cuidado, pesquisas apontam que 43% das enfermeiras e estudantes de enfermagem afirmam que as mulheres são predispostas ao cuidar em detrimento dos homens, enquanto 64% delas atrelam enfermagem à subserviência e à dedicação incondicional ao outro (SILVA, 2016). Fonseca e Silva (2012), ao questionarem a percepção de adolescentes acerca dos atributos de profissionais da enfermagem, concluíram que a esta são atribuídas “características de sacrifício, humildade, ‘pouco ego’ e não pode ter o dinheiro como motivação para o trabalho [...]”. Além disso, as enfermeiras foram vistas pelos entrevistados como “delicada e complemento para outras áreas da saúde, sem opção

de remuneração” (FONSECA; SILVA, 2012, p. 57), revelando a presença do estereótipo da cuidadora natural no imaginário social quando se pensa a enfermagem.

Tais dados reiteram a importância de discutir e repensar a naturalização de discursos carregados de estereótipos de gênero, compreendendo estes como manifestações discursivas de intrincadas relações de poder capazes de influenciar a prática social da enfermagem e as concepções da categoria.

Os estereótipos podem ser compreendidos como uma visão preconceituosa e generalizante de características que grupos/indivíduos possuem ou de atributos que a sociedade espera que tenham. Assim, estereotipar consiste em ignorar as características singulares de uma pessoa e tratá-la como um molde (COOK; CUSACK, 2010). Os estereótipos de gênero são influenciados pela moral cristã e atuam como um método de controle sobre os corpos das mulheres, classificando-as de forma ambígua e reforçando iniquidades de gênero. Na enfermagem, os estereótipos marcam o imaginário da profissão desde a sua origem até a atualidade, aprisionando-a em rótulos que não correspondem às condições sociais e desigualdades na profissão (DINIZ, 2011; PIRES, 2016).

As discriminações são baseadas em padrões fixos, que podem ser opressores e reforçam a imutabilidade da categoria mulher, que se caracteriza pela produção e reedição de estereótipos sobre pessoas ou grupos, forjando dualidades e desigualdades a partir de pressupostos biológicos e/ou culturais (MIGUEL; BIROLI, 2019; PIRES, 2016). Em seu conteúdo discursivo, as práticas estereotipadas pautam características sociais como sendo fatos biológicos, naturalizando-as e invisibilizando-as como resultado da *performance* do gênero feminino. Contudo, apesar de se ancorarem na estabilidade de significados e na generalização, os estereótipos podem ser ressignificados, revistos e reveladas as opressões que encobrem (FERREIRA; PEREIRA, 2017; PIRES, 2018).

Como resultado desse processo, a imagem da enfermeira foi moldada a partir do estereótipo da cuidadora natural, da “mulher vitoriana ideal” (EHRENREICH; ENGLISH, 2010), que passou do ambiente doméstico (privado) ao mundo do trabalho remunerado (público), ou seja, apesar de a profissionalização da enfermagem ser uma das formas de acesso da mulher à esfera pública, compondo essa classe profissional, elas continuam sofrendo as mesmas disparidades presentes na esfera privada (FONSECA, 2017; PIRES, 2016; SILVA, 1986).

Considerando as repercussões assimétricas da naturalização do cuidado, que tem caráter ratificante de desigualdades de gênero ao interpelar às mulheres aptidões e atitudes pautadas



em uma pretensa diferença biológica, retomamos a discussão de Pires (2018, p. 1224) ao apontar a necessidade de “desvelamento de padrões discursivos que se apresentam como ‘naturais’ e imutáveis”.

Portanto, diante desse contexto, esta pesquisa se justifica pela necessidade de ampliar a crítica e o enfrentamento acerca da naturalização do cuidado como habilidade essencialmente feminina, à luz da epistemologia feminista. Para isso, pretende-se identificar elementos discursivos que reeditem ou combatam o estereótipo da cuidadora natural na produção científica da enfermagem, assim como discutir as consequências desse estereótipo para a valorização profissional e para a cidadania das mulheres. A partir desses pressupostos, a questão norteadora da pesquisa é esta: As abordagens do cuidado na produção científica da enfermagem reeditem ou criticam o estereótipo da “cuidadora natural”?

O argumento central desta pesquisa é que o estereótipo da cuidadora natural está hegemonicamente presente no discurso da enfermagem, visto aqui como uma prática que determina o comportamento das mulheres enfermeiras como “naturalmente” feito para o cuidado, reeditando assimetrias e iniquidades de gênero. Por sua vez, as importantes resistências críticas das produções que abordam as questões de gênero na profissão são periféricas e, em geral, dialogam melhor com áreas de conhecimento das ciências humanas e sociais.

## **1.1 Objetivos**

### 1.1.1 Geral

Analisar de que forma as abordagens sobre o cuidado se apresentam na produção científica nacional e internacional da enfermagem em relação aos estereótipos de gênero presentes na “cuidadora natural”.

### 1.1.2 Específicos

- I. Realizar uma revisão narrativa de literatura à elaboração de referencial que subsidie a análise crítica do estereótipo da cuidadora natural na produção científica da enfermagem;
- II. Realizar uma revisão de escopo sobre as abordagens do cuidado presentes na produção científica nacional e internacional da enfermagem;

- III. Analisar, a partir do quadro teórico-referencial de crítica ao estereótipo da cuidadora natural elaborado, de que forma a produção científica ratifica ou contrapõe-se às desigualdades de gênero.

## 2 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa exploratória de abordagem mista. Quanto ao perfil exploratório, este é justificado pois permite uma melhor compreensão de um fenômeno pouco conhecido pela autora, qual seja, a presença do estereótipo da cuidadora natural na produção científica da enfermagem. A partir da abordagem qualitativa é realizada a análise de múltiplas realidades subjetivas, aprofundando-as e contextualizando o fenômeno. Ao passo que a abordagem quantitativa permite analisar as variáveis de forma profunda, fazendo associações e correlações. (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2006).

A pesquisa se subdivide em duas etapas, a primeira composta por uma revisão narrativa, que, segundo Rother (2007, p. 1), é “apropriada para descrever e discutir o desenvolvimento ou o estado da arte de um determinado assunto, sob ponto de vista teórico ou contextual”, em diálogo com a epistemologia feminista. Buscou-se desenvolver um quadro teórico-referencial de forma a estabelecer a estrutura conceitual para análise da reedição ou crítica das questões de gênero nas abordagens do cuidado na produção em enfermagem.

A segunda etapa consistiu numa Revisão de Escopo sobre abordagens do cuidado na produção científica da enfermagem, que tem como finalidade identificar conceitos-chave e lacunas de conhecimento a partir da síntese e caracterização de evidências presentes na literatura. A metodologia foi aplicada baseada nos *guidelines* do Instituto Joanna Briggs (JBI) e no relatório PRISMA-Scr (TRICCO *et al.*, 2018), considerando a rigorosidade e confiabilidade desses materiais (ARKSEY; O’MALLEY, 2005; PETERS *et al.*, 2020).

Com o objetivo de acrescentar rigor e profundidade à pesquisa, ao final, fez-se a triangulação de dados entre as duas etapas, ou seja, combinou-se o método da revisão narrativa e a revisão de escopo de modo a analisar a questão por meio de diferentes ângulos e perspectivas (DENZIN, 1978; TRIVIÑOS, 1987; SUTO *et al.*, 2021). Ambas as etapas são descritas a seguir.

### 2.2 Delineamento do estudo

#### 2.2.1 Etapa 1 – Epistemologia feminista na crítica ao estereótipo da “cuidadora natural” na enfermagem: quadro teórico-referencial

Foi realizada a análise de livros e artigos científicos que apresentam discussões relevantes acerca do estereótipo da cuidadora natural, em diálogo com a produção feminista.

Para a busca de artigos, foram selecionadas bases de dados de referência para pesquisas em Ciências da Saúde, quais sejam: *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), *PubMed* e Biblioteca Virtual em Saúde do Ministério da Saúde (BVS). Para a seleção do material que compõe o *corpus* desta pesquisa, os seguintes passos foram contemplados: leitura exploratória, leitura crítica, análise dos textos, sistematização de conceitos de interesse e elaboração de quadro-síntese a partir da literatura.

Na elaboração do quadro teórico-referencial, foram extraídas as características-chave da epistemologia feminista que auxiliam na análise do estereótipo da cuidadora natural na produção científica da profissão. Para isso, a seguinte pergunta orientou a construção dos tópicos, sintetizados no quadro referencial que orienta a análise da produção científica da enfermagem (etapa 2): que características ou abordagens dessa discussão auxiliam na análise do estereótipo da cuidadora natural na produção da enfermagem? Ou seja, que possíveis descrições das categorias teóricas discutidas pela abordagem feminista podem subsidiar o desvelamento dos estereótipos de gênero no discurso científico da profissão?

## 2.2.2 Etapa 2 – Análise do estereótipo da “cuidadora natural” na produção científica da enfermagem

### 2.2.2.1 Protocolo e estratégias de busca

Para a Revisão de Escopo, foi realizada uma busca exploratória inicial, que resultou em um protocolo de pesquisa preliminar, em que o mnemônico PCC (população, conceito e contexto) foi definido como norteador da pesquisa, sendo a população a literatura científica, adotando o conceito do cuidado no contexto da abordagem epistemológica do cuidado na enfermagem. Essa pesquisa inicial também possibilitou o mapeamento de objetivos, questões, bases de dados, critérios de inclusão/exclusão e descritores relevantes à questão de pesquisa.

Para isso, foram utilizados descritores controlados retirados da *Medical Subject Headings* (MESH) da *National Library of Medicine* (NLM) dos Estados Unidos e dos Descritores em Saúde (DECS) da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) do Brasil, sendo eles: “enfermagem”; “divisão do trabalho baseada no gênero”; “estereotipagem de gênero” e “cuidado”.

O protocolo preliminar foi revisado e adaptado, adequando-se à questão de pesquisa. Dessa forma, foi definida a *string* de busca adotada para a pesquisa, nesses termos:

((Enfermagem OR Nursing OR Soins Infirmières OR Enferm\*) AND (Cuidado OR Care OR Soins) AND (Gênero OR Gender OR Genero)). Os critérios de inclusão e exclusão propostos no protocolo preliminar foram mantidos. O protocolo, ao ser submetido às bases de dados escolhidas, retornou n = 626 artigos na base de dados BDENF, n = 376 na CINAHL, n = 69 na Scopus e n = 465 na SciELO. A escolha por essas bases se deu devido à relevância na indexação de pesquisas em saúde.

A partir dessas adaptações, tivemos como resultado o protocolo final com um desenho de pesquisa atualizável e replicável (Apêndice I). Contemplando as recomendações da JBI para a técnica de revisão de escopo, a aplicação do protocolo seguiu as seguintes etapas: Identificação, Triagem, Elegibilidade e Inclusão.

#### 2.2.2.2 Critérios de elegibilidade

Adotamos os seguintes critérios de inclusão: artigos que abordem a concepção de cuidado na enfermagem publicados por enfermeiras/os ou em revistas de enfermagem. Quanto aos limites de busca estabelecidos, foram: artigos de periódicos científicos publicados nos últimos 5 anos (2017 a 2021), nos idiomas inglês, português, francês ou espanhol. O limite temporal foi estabelecido como um critério de inclusão considerando o grande volume de artigos identificados no teste do protocolo, o que inviabilizaria a execução da pesquisa.

#### 2.2.2.3 Identificação e seleção dos estudos

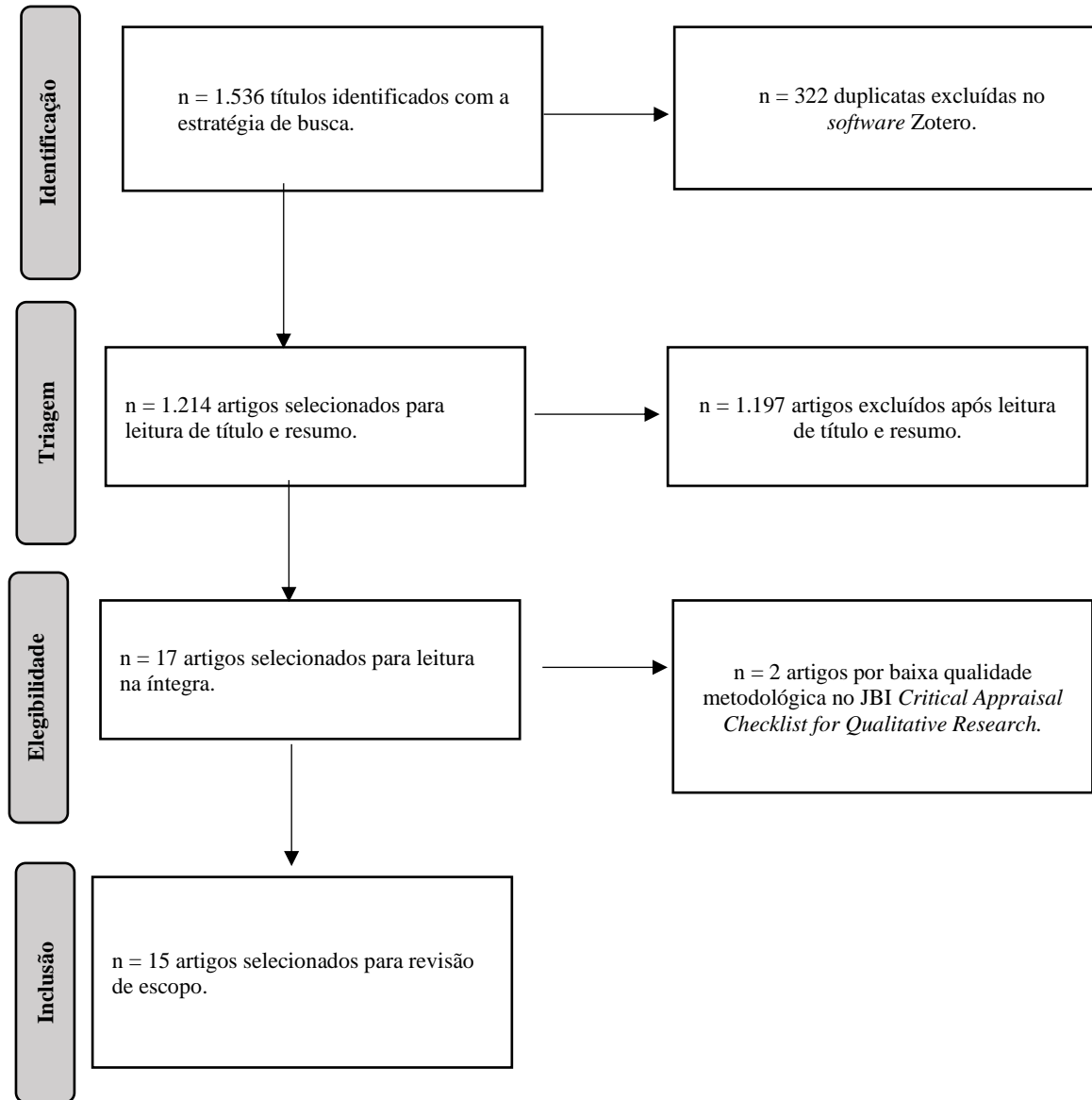
Na primeira etapa, as buscas resultaram em um total de n = 1.536 artigos/teses; em seguida, na etapa de triagem, n = 322 duplicatas foram excluídas por meio do *software* de gerenciamento de referências Zotero<sup>2</sup>, resultando em n = 1.214 artigos/teses a serem analisados na etapa de elegibilidade. Para a seleção inicial desses artigos, foi realizada a leitura do título e resumo para identificação das obras que abordam a temática pesquisada (n = 17), de forma que as obras que não respondem à pergunta de pesquisa (n = 1.197) foram excluídas desta revisão. Após essa seleção inicial do material, os artigos foram lidos na íntegra e submetidos à análise qualitativa, por meio do instrumento JBI *Critical Appraisal Checklist for Qualitative Research* (Anexo I), de forma que os que cumpriram uma quantidade de critérios de seleção maior ou

---

<sup>2</sup> Zotero é um *software* gerenciador de referências para organizar dados bibliográficos e materiais relacionados a pesquisa (<https://www.zotero.org/>).

igual a 5 foram considerados elegíveis para a pesquisa, dessa forma, n = 2 foram excluídos por baixa qualidade metodológica e os demais n = 15 artigos foram incluídos na pesquisa.

**Figura 1 – Fluxograma Prisma com etapas metodológicas da revisão de escopo. Brasília-DF, 2022**



Fonte: Tricco *et al*, 2018, adaptado pela autora.

#### 2.2.2.4 Extração de dados e análise dos estudos incluídos

Após a seleção do material que compõe o *corpus* da pesquisa, foi realizada leitura crítica a partir do quadro teórico-referencial para análise crítica do estereótipo da cuidadora natural na enfermagem. Verificou-se se a abordagem do cuidado presente na produção científica selecionada pela revisão de escopo reedita ou combate o estereótipo da cuidadora natural. Para

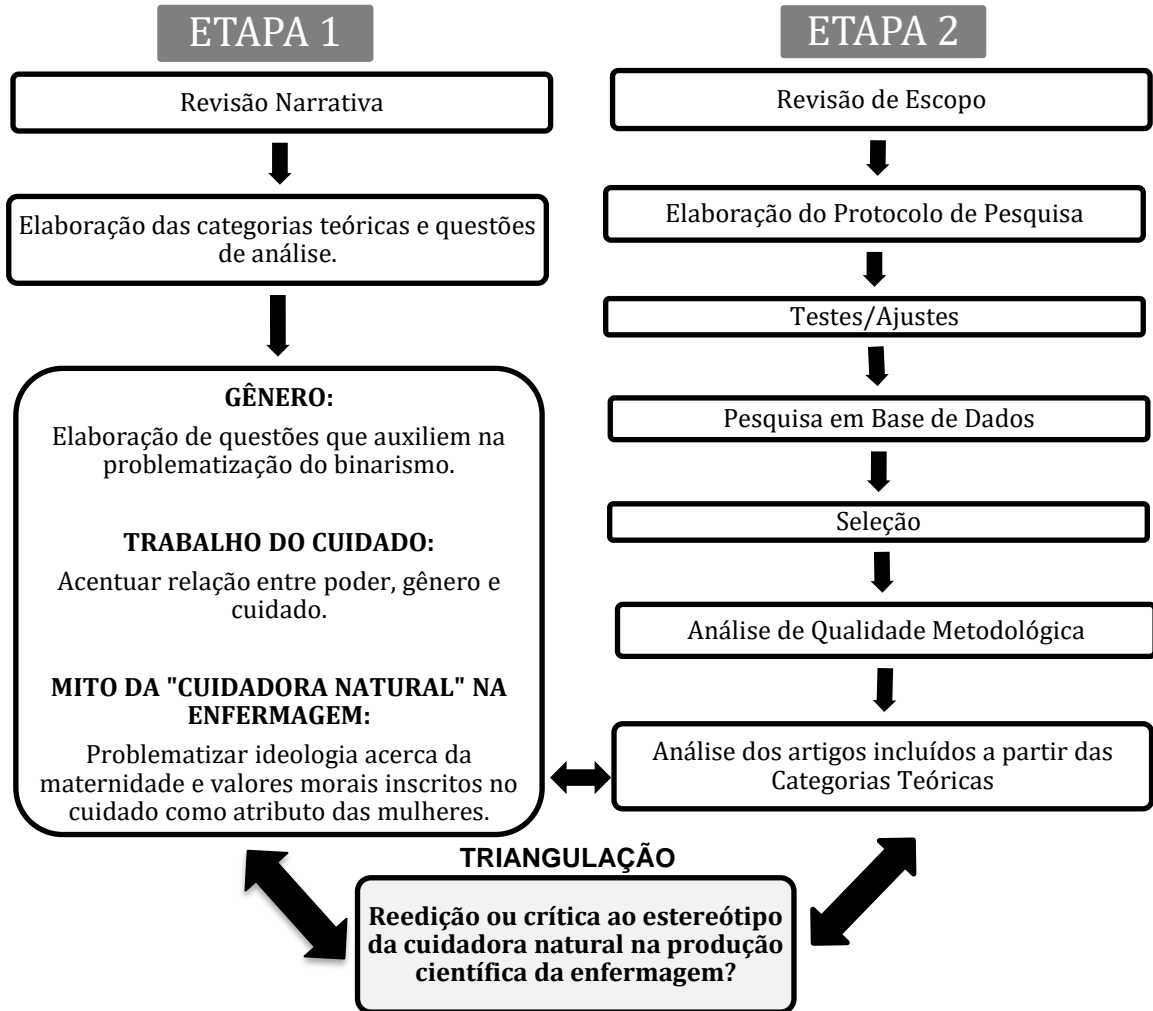
cada uma das categorias teóricas elaboradas, qual sejam: Gênero; Trabalho do Cuidado; Naturalização do cuidado; e Cuidadora Natural na Enfermagem, elaboraram-se questões para a análise dos artigos revisados segundo a presença ou o combate dos estereótipos de gênero na concepção epistêmica do cuidado, compondo um instrumento específico (Ver Quadro 1, seção resultados) para essa fase final da investigação (Apêndice II). Em seguida, procedeu-se a análise e classificação da produção revisada, com extração de categorias empíricas, sob a forma de temas sínteses presentes nos artigos.

#### *2.2.2.5 Triangulação de dados das etapas de revisão narrativa e de escopo para análise do estereótipo da “cuidadora natural”*

Os resultados de ambas as etapas foram triangulados para uma análise aprofundada do estereótipo da “Cuidadora Natural”, de forma a assegurar a compreensão desse fenômeno que possui nuances sociais, culturais e de gênero. A triangulação dos dados das duas etapas produziu resultados complementares e convergentes, de forma a conferir consistência ao estudo (DENZIN, 1978; TRIVINOS, 1987; SUTO *et al.*, 2021). O Quadro-Síntese abaixo inter-relaciona as duas etapas metodológicas com os resultados obtidos na pesquisa.

**Figura 2 – Quadro-síntese de triangulação das revisões narrativas e de escopo para análise do estereótipo da cuidadora natural na produção científica da enfermagem.**

**Brasília-DF, 2022**



Fonte: Elaborada pela autora.



### 3 RESULTADOS

#### 3.1 Etapa 1 – Epistemologia feminista na crítica ao estereótipo da “cuidadora natural” na enfermagem: quadro teórico-referencial

A partir da revisão narrativa desenvolvida na primeira etapa desta pesquisa, foi possível identificar pontos centrais para a discussão do estereótipo da “cuidadora natural” e da naturalização do cuidado na enfermagem, que são problematizados a seguir.

##### 3.1.1 Trabalho e Trabalho do Cuidado

Trabalho é um conceito com múltiplos significados, a depender da ótica em que é analisado. Em uma perspectiva marxista, a qual adotaremos, é caracterizado por uma relação produtiva entre o ser humano e a natureza a fim de transformá-la (DELPHY *et al.*, 2009). É importante pontuar que essa ação sobre a natureza, apesar de ser intrínseca ao ser humano, ocorre a partir de condições sociais determinadas, mediadas pela cultura, economia e política. O trabalho, enquanto ação, configura-se como um espaço privilegiado de produção social, ou seja, ao mesmo tempo que produz coisas, com valor de uso, transformado em valor de troca no capitalismo, o ser humano produz a si mesmo (MERHY *et al.*, 2005; PIRES, 2008).

Nesse ponto, adentramos a discussão a partir da perspectiva feminista da sociologia das emoções ao abordar o Trabalho do Cuidado, de forma que se faz necessário defini-lo. Para Pascale Molinier (2010), Trabalho do Cuidado consiste em atividades especializadas centradas no cuidado dos outros, ou seja, atividades de serviço em que a atenção está voltada a outrem. Hirata (2012, p. 3) enfatiza que é “ao mesmo tempo trabalho emocional e trabalho material, técnico” em que há o desprendimento de tempo e energia para executar tarefas em prol de outra pessoa.

Hirata e Molinier (2012, p. 10, tradução nossa), coincidindo cuidado com trabalho do cuidado, conceitua-os como um conjunto de “atividades materiais, técnicas e relacionais para prover resposta concreta às necessidades dos outros”. Percebemos aqui uma influência da sociologia das emoções, em que o trabalho reprodutivo, ou seja, aquele necessário à manutenção da vida humana, articula-se com o cuidado ou trabalho do cuidado, indistintamente. Nessa perspectiva, Fisher e Tronto (1990, p. 40) conceituam cuidado como:

Tudo o que fazemos para manter, perpetuar e reparar nosso mundo de maneira que possamos viver tão bem quanto possível. Esse mundo compreende nosso corpo, nós mesmos e nosso meio ambiente, todos os elementos que nós buscamos associar em uma rede complexa, para sustentar a vida.

O cuidado compõe a esfera do trabalho reprodutivo, por estar tão intimamente relacionado às tarefas cotidianas, necessárias para a produção e reprodução da vida, e é, geralmente, invisibilizado e desvalorizado (BORIS, 2014; SOARES, 2012). Nesse sentido, Tronto (2007) aponta as desigualdades de gênero no cuidado que ratificam a desvalorização e a naturalização deste, entre elas, a ideia do cuidar como “Trabalho do Amor” (TRONTO, 2007, p. 286), que se baseia na exploração emocional do trabalho, sem reconhecê-lo enquanto tal, mantendo-o em uma esfera de moralidade, sem desvelá-lo.

Embora haja discussões acerca da distinção entre trabalho e cuidado – especialmente aquelas defendidas por Pires (2005; 2016; 2017) acerca de o caráter produtivo do trabalho não corresponder invariavelmente às relações de poderes inscritas no cuidado, pela tendência tecnicista acrítica da politicidade –, para os propósitos desta pesquisa, adotamos a concepção de cuidado democrático de Tronto (2007), defendido como o mesmo que trabalho do cuidado. Essa autora define o cuidar como o próprio trabalho, mediado por ambiguidades, assimetrias, tensões e relações de poderes. Uma vez que nos interessa analisar sobretudo as desigualdades do trabalho do cuidado veladas no estereótipo da cuidadora natural, consideramos que essa concepção nos auxilia na análise dos antagonismos entre as categorias gênero, raça, classe e etnia presentes no cuidar da enfermagem (TRONTO, 2007).

Dessa forma, reforçamos que o Trabalho de Cuidado está inserido em um modo de produção capitalista, em que a alienação do trabalho reprodutivo foi essencial para a consolidação desse sistema, às custas de violentas injustiças para as mulheres (BIROLI, 2015; FEDERICI, 2018). Apesar de o cuidado não ser atrelado ao sexo feminino, historicamente é um trabalho feminizado, sendo exercido por cuidadoras formais ou informais, remuneradas ou não. Essa divisão sexual se pauta nas relações sociais de sexo e se configura como uma responsabilização desigual com relação ao cuidado, em que mulheres são sobrecarregadas e têm seu trabalho desvalorizado, em comparação com os homens, que desempenham funções de alto valor social (BIROLI, 2018; DELPHY *et al.*, 2009).

Aqui, faz-se importante pontuar que a categoria mulheres abarca uma multiplicidade de vivências marcada por outras categorias que se interseccionam – como raça, classe, etnia e geração –, podendo conferir privilégios estruturais ou acentuar iniquidades sociais (BIROLI, 2018). Dessa forma, enfatizamos, também, a importância de conhecer as condições materiais e

simbólicas de quem provê cuidados, ou seja, majoritariamente mulheres, pobres, negras e imigrantes (DELPHY *et al.*, 2009; HIRATA, 2016).

Essa divisão do trabalho a partir da classe, raça e/ou gênero reflete em desigualdades como: regulamentação trabalhista insuficiente e precarização das relações de trabalho; obstáculos para se inserir na participação política; dupla/tripla jornada de trabalho; baixa remuneração e reconhecimento social; expropriação do tempo e energia de mulheres; bem como a despolitização do cuidado, questões que implicam em maior vulnerabilidade, aumentando a exposição à violência, empobrecimento, sofrimento psíquico e perda de direitos sociais (BIROLI, 2018).

Em contraponto à tendência de precarização do cuidado sob a égide do capitalismo, assumimos, com Tronto (2007), o cuidado como elemento central para a democracia, observando a necessidade de redistribuir as atividades e a responsabilização do cuidado em prol da justiça e da correção das desigualdades de gênero, visto que a demanda de cuidado é inescapável à vida.

### 3.1.2 Desigualdades de gênero e estereótipo da “cuidadora natural” na profissionalização da enfermagem moderna

A princípio, as noções de gênero foram pautadas pela ciência a partir de um determinismo biológico, de forma que gênero estaria no âmbito da cultura tal qual o sexo estaria no âmbito da biologia/natureza, assim, as diferenças sexuais foram naturalizadas como pressupostos biológicos que determinam o gênero. Essa linha de pensamento foi nomeada de sistema sexo/gênero.

Nessa perspectiva, a genitália se tornaria o símbolo pelo qual o gênero seria interpretado e atribuído, esperando-se que os comportamentos e características das pessoas estejam fixados na dualidade e binarismo homem/mulher (CHANTER, 2011).

Posteriormente, o sistema sexo/gênero foi criticado, ao reconhecer que o binarismo naturaliza e reforça papéis sociais de homens (racionalidade/ciência/esfera pública) e mulheres (emoção/cuidado/esfera privada), desvelando profundas desigualdades de gênero, legitimando a dominação masculina e reforçando o determinismo biológico.

O cartesianismo desse sistema foi questionado por pensadoras feministas, ao apontarem que, apesar de ser visto como objetivo e imparcial, o conhecimento científico reflete os interesses daqueles que o constroem (CHANTER, 2011). Assim, apontou-se que a dicotomia

entre sexo/gênero não é um fato dado, fixo, universal, mas sim mediado, também, pela cultura, levando à compreensão de que não há, na natureza, uma essência sexual que determine o gênero (CHANTER, 2011; KÜCHEMANN; BANDEIRA; ALMEIDA, 2015).

A partir disso, categoria analítica do gênero, em perspectiva feminista, contrapõe-se firmemente ao determinismo biológico. Na ótica de Küchemann, Bandeira e Almeida (2015), o conceito de gênero – como categoria de análise que compreende a esfera social, histórica, política, econômica e psicológica – nos permite evidenciar e questionar fenômenos naturalizados que perpassam a produção de conhecimento e as relações de poder. Para compreendê-lo, partiremos do conceito de Joan Scott (1989), que entende gênero como “elemento constitutivo das relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos; uma forma primeira de significar as relações de poder” (SCOTT, 1989, p. 21).

Entre as multiplicidades que interagem com o gênero, estão as categorias raça e classe, que podem intensificar as desigualdades para além das questões de gênero. Sabendo que os processos de socialização e subjetivação se dão de formas distintas sob diferentes contextos históricos de raça, classe e sexualidade (CHANTER, 2011), as análises presentes neste trabalho serão feitas a partir de uma abordagem interseccional, isto é, um enfoque integrado e sem hierarquização das relações de poder de raça, classe e gênero, considerando que estas são interdependentes, diversas e imbricadas e estruturam a subjetividade, bem como as desigualdades sociais, de forma a gerar impactos múltiplos sobre a configuração profissional da enfermagem que nasce permeada por essas categorias (HIRATA, 2014; LOMBARDI; CAMPOS, 2018).

A partir da compreensão da categoria Gênero, podemos discutir as repercussões, que se configuram como desigualdades de gênero, entre elas, os estereótipos presentes na cuidadora natural.

Pires (2016) cunhou o termo “cuidadora natural” para trazer à tona a opressão da distribuição desigual das responsabilidades relacionadas ao cuidado e se contrapor a esse processo que sobrecarrega massivamente as mulheres (PIRES, 2017). Dessa forma, a autora propõe o desvelamento de padrões discursivos ao apontar o rótulo da cuidadora natural como aquele atribuído à mulher que:

[...] *por sua natureza feminina*, estaria destinada a se responsabilizar integralmente pelas atividades de cuidado. Sob esse rótulo os afazeres domésticos, o cuidado das crianças, dos idosos, os serviços gerais e todas as formas em que uma pessoa se utiliza *dos serviços de outra em benefício próprio* seriam atributos essencialmente femininos – portanto, de responsabilidade das mulheres (PIRES, 2017, p. 1227).

Em uma primeira análise, Pires (2016) elucida que esse estereótipo se fixa em uma imagem restrita da enfermagem moldada a partir de uma perspectiva de binarismo de gênero, valorizando uma imagem sacra e maternal e que não corresponde à realidade prática da profissão:

A riqueza política da enfermagem reside justamente no que as enfermeiras menos identificam, ou seja, na multiplicidade de sujeitos, ações, inserções e atuações em inúmeros cenários [...] A despeito disso, o imaginário da cuidadora natural, cristalizado nos discursos e nas práticas da profissão, fixa-se numa ilusão de identidade restrita ao anjo de branco que, se bem reparado, não corresponde sequer ao mito Nightingale. Afinal, Florence se notabilizou pela sua atuação em pesquisa, gestão, empreendedorismo, tudo isso na posição de aristocrata (PIRES, 2016, p. 1228).

Além disso, Pires (2017) problematiza as repercussões desse estereótipo ao apontar seu potencial de desarticulação da classe quanto ao desenvolvimento de qualidades políticas para o enfrentamento de iniquidades de gênero e para a construção democrática de melhores condições de trabalho:

O essencialismo ilusório da cuidadora natural na sociedade em geral e, em especial na enfermagem, além de não contribuir para o enfrentamento das injustiças de gênero que reforçam os estereótipos de gênero, fragmenta a força de coesão das enfermeiras. Se a identidade da profissão não se ampliar o suficiente para caber as distintas possibilidades de atuação e de conhecimentos das enfermeiras na atualidade, em ricas coalizões agonistas por espaços democráticos na profissão, nas políticas públicas e na sociedade, perde-se a riqueza do político capaz de enfrentar as iniquidades de gênero na profissão (PIRES, 2017, p. 94).

Dessa forma, a partir desse desenho conceitual do estereótipo da cuidadora natural, podemos evidenciar seus impactos em esferas individuais e coletivas, para a construção da imagem da enfermeira. Assim, no caminho proposto por Pires (2018, 1224), ratificamos a necessidade de “desvelamento de padrões discursivos que se apresentam como ‘naturais’ e imutáveis”.

### 3.1.3 Análise crítica dos estereótipos de gênero nas abordagens de cuidado: quadro referencial

A partir do discutido nos tópicos anteriores, objetivando a construção do quadro teórico-referencial que norteará a etapa seguinte da pesquisa, chegamos ao quadro abaixo, o qual permitirá a análise do discurso científico da enfermagem em relação ao cuidado.

**Quadro 1 – Referencial teórico para a análise das abordagens de cuidado na produção científica da enfermagem na perspectiva de gênero**

CATEGORIA TEMÁTICA	DESCRIÇÃO/REFERÊNCIAS	QUESTÕES PARA ANÁLISE
<b>GÊNERO</b>	Categoria de análise compreendida como “elemento constitutivo das relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos; uma forma primeira de significar as relações de poder” (SCOTT, 1989, p. 21)	1- O artigo aborda a questão de gênero em perspectiva feminista, para além da relação binária?
<b>TRABALHO DO CUIDADO</b>	“Tudo o que fazemos para manter, perpetuar e reparar nosso mundo de maneira que possamos viver tão bem quanto possível. Esse mundo compreende nosso corpo, nós mesmos e nosso meio ambiente, todos os elementos que nós buscamos associar em uma rede complexa, para sustentar a vida” (FISHER; TRONTO, 1990, p. 40)	2- A concepção de cuidado do artigo aborda as relações de poder e de gênero intrínsecas ao Trabalho do Cuidado? 3- A produção científica reflete sobre as repercussões das desigualdades de gênero no trabalho do cuidado para as profissionais de enfermagem?
<b>“CUIDADORA NATURAL” NA ENFERMAGEM</b>	O estereótipo da Cuidadora Natural é atribuído à mulher, que “[...] <i>por sua natureza feminina</i> , estaria destinada a se responsabilizar integralmente pelas atividades de cuidado. Sob esse rótulo os afazeres domésticos, o cuidado das crianças, dos idosos, os serviços gerais e todas as formas em que uma pessoa se utiliza <i>dos serviços de outra em benefício próprio</i> seriam atributos essencialmente femininos – portanto, de responsabilidade das mulheres” (PIRES, 2016, p. 1227).	4- O artigo questiona o mito da maternidade presente no cuidado como um atributo exclusivamente feminino? Ou seja, reedita o valor moral de que as mulheres nasceram para cuidar? 5- O cuidado da enfermagem recebe adjetivações morais inerentes ao caráter da pessoa e não à sua competência profissional? Ex.: nobreza, virtude, entrega, altruísmo etc.

Fonte: Elaborado pela autora.

### 3.2 Etapa 2 – Revisão de escopo

Os estudos incluídos concentram-se majoritariamente no Brasil (n = 7; 46%) e Espanha (n = 3, 20%), seguidos de outros países latino-americanos (n = 4; 26%) e no Reino Unido (n = 1; 6%). Quanto ao idioma, predominam artigos em espanhol (n = 8; 53%) e português (n = 4; 26%); apenas dois artigos (n = 2, 14%) foram publicados em inglês. As publicações foram distribuídas nos anos de 2018 (n = 6; 40%), 2017 (n = 3, 20%), 2020 (n = 3, 20%) e 2019 (n = 3, 20%). O ano de 2021 não registrou publicações acerca da temática pesquisada. Quanto à metodologia, todos os artigos declararam uma abordagem qualitativa (n = 15; 100%).

Apesar de abordar o cuidado, quase metade dos artigos (n = 7; 46%) não declarou a concepção de cuidado que norteou as discussões (CASCELLA CARBÓ; GARCÍA-

ORELLÁN, 2020; FERNÁNDEZ TORRALBO; CUETO TORRES; GRANDE GASCÓN, 2020; GALINDO HUERTAS; HERRERA GIRALDO, 2017; RANGEL FLORES *et al.*, 2017; RODRIGUES *et al.*, 2017; RUIZ; NICOLÁS, 2018; VERAS, 2019).

Quanto aos oito (52%) artigos que conceituaram cuidado (ALVES *et al.*, 2018; BECERRA; TOLE; ESCOBAR, 2018; GARCIA *et al.*, 2020; MACEDO, 2019; OLEA-GUTIERREZ *et al.*, 2018; PEDROSA; CAÏS; MONFORTE-ROYO, 2018; SOUZA; PEREIRA; SILVA, 2018; TRINIDAD; PASCUAL; GARCÍA, 2019), predominou a concepção do “Cuidado como prática essencialmente humana” (n = 3; 20%) (ALVES *et al.*, 2018; BECERRA; TOLE; ESCOBAR, 2018; TRINIDAD; PASCUAL; GARCÍA, 2019), seguido do “Cuidado destituído de relações de poder e gênero” (n = 3; 20%) (GARCIA *et al.*, 2020; OLEA-GUTIERREZ *et al.*, 2018; PEDROSA; CAÏS; MONFORTE-ROYO, 2018). Em contrapartida, Souza, Pereira e Silva (2018) e Macedo (2019) (n = 2; 13%) apresentaram uma concepção de cuidado alinhada com o conceito de “Trabalho do Cuidado” proposto pela vertente da sociologia das emoções, indicando uma tendência crítica dos estereótipos de gênero (Quadro 2).

**Quadro 2 – Caracterização dos artigos revisados por referência, ano, país, objetivo, metodologia, conclusões e concepção de cuidado predominante. Brasília, setembro, 2022**

REFERÊNCIA/ PAÍS	METODOLOGIA/ OBJETIVO	CONCLUSÃO	CONCEPÇÃO DE CUIDADO
Perception of caring among nursing students: Results from a cross-sectional survey.  (TRINIDAD; PASCUAL; GARCÍA, 2019)  Reino Unido.	Estudo qualitativo com o objetivo de analisar e descrever a percepção de cuidado entre estudantes espanhóis de enfermagem.	A percepção de cuidado entre estudantes de enfermagem é um fenômeno dinâmico que se modifica ao longo do processo de formação. O período acadêmico, experiência de trabalho prévia em serviços de saúde e o tipo de acesso à universidade influencia as percepções de cuidado dos estudantes.	“Caring for others is inherent to human beings, representing a practice that has existed since the birth of the human species [...] Caring encompasses all spheres of the human being; i.e. biological, psychological, emotional, social, cultural (Leininger, 1988) and spiritual aspects (Watson, 1985)” (TRINIDAD; PASCUAL; GARCÍA, 2019, p. 142) <sup>3</sup>

<sup>3</sup> “Cuidar dos outros é inerente ao ser humano, representando uma prática que existe desde o nascimento da espécie humana [...] Cuidar abrange todas as esferas do ser humano; ou seja, no aspecto biológico, psicológico, emocional, social, cultural (Leininger, 1988) e espiritual (Watson, 1985)” (TRINIDAD; PASCUAL; GARCÍA, 2019, p. 1-2, tradução nossa).

<p>Estructura y organización de las representaciones sociales del concepto cuidar en cuidadores de personas con enfermedad crónica.</p> <p>(OLEA-GUTIÉRREZ <i>et al.</i>, 2018)</p> <p>México.</p>	<p>Estudo qualitativo com o objetivo de analisar a estrutura e organização das representações sociais do conceito de cuidar nos cuidadores de pessoas com enfermidades crônicas.</p>	<p>A análise gerou um gráfico de palavras sobre a organização das representações sociais do conceito cuidar, que pode ser entendido como missão adquirida, a decisão que leva a pessoa a um processo interativo e simétrico entre a pessoa cuidada e o cuidador.</p>	<p>“El cuidado es acto y actitude esencial en los seres humanos [...] cuidar, es um proceso de intercambio simétrico, que requiere cuando menos de dos sujetos: la persona cuidadora y el ser cuidado. La simetría está representada por el papel que uegan los sujetos en el proceso. La persona cuidadora tiene asignado un papel activo que implica una obligación de protección. El ser de cuidado, generalmente, se encuentra en una situación de necesidad, en un estado de vulnerabilidad” (OLEA-GUTIÉRREZ <i>et al.</i>, 2018, p. 162)<sup>4</sup></p>
<p>Entre o Estado, a sociedade e a família: o <i>care</i> das mulheres cuidadoras.</p> <p>(SOUZA; PEREIRA; SILVA, 2018)</p> <p>Brasil.</p>	<p>Estudo qualitativo com o objetivo de investigar o <i>care</i> realizado por cuidadoras familiares de idosos dependentes e suas repercussões sociais</p>	<p>Demonstrou-se a relevância do <i>care</i> das mulheres cuidadoras para a sociedade, bem como sua invisibilidade perante políticas públicas sociais e de saúde.</p>	<p>“Esse cuidado é designado por <i>care</i>, na obra de Helena Hirata. A adoção desta designação deveu-se à polissemia do termo e à sua limitação de sentido em traduções numa conotação terapêutica ou ainda em denotação política. Preservando o termo <i>care</i>, a autora busca guardar seus sinônimos, como o cuidado, a solicitude, a atenção ao outro, o cuidar do outro e o preocupar-se, que incluem qualquer tipo de atenção pessoal, constante e/ou intensa, que almeje melhorar o bem-estar daquele que é seu objeto” (SOUZA; PEREIRA; SILVA, 2018, p. 2883)</p>
<p>Emergencia del modelo de enfermería transmitido en las universidades españolas: una aproximación analítica a través de la Teoría Fundamentada.</p> <p>(PEDROSA; CAÍS; MONFORTE-ROYO, 2018)</p> <p>Brasil.</p>	<p>Estudo qualitativo com o objetivo de conhecer o significado do termo enfermagem para as enfermeiras que exercem a docência em universidades espanholas.</p>	<p>Pode-se concluir que nas universidades espanholas se está transmitindo um modelo de enfermagem no qual o papel do cuidado é inerente ao gênero feminino e à vocação de servir o outro que algumas pessoas possuem.</p>	<p>“Heidegger entiende que el cuidado, desde el punto de vista existencial, es anterior a toda actitud o situación del ser humano y surge cuando la existencia del otro adquiere importancia.” (PEDROSA; CAÍS; MONFORTE-ROYO, 2018, p. 45)<sup>5</sup></p>

<sup>4</sup> “O cuidado é um ato e atitude essencial nos seres humanos [...] cuidar é um processo de troca simétrica, que requer ao menos dois sujeitos: a pessoa cuidadora e o ser cuidado. A simetria está representada pelo papel que os sujeitos desempenham no processo. A pessoa cuidadora tem um papel ativo que implica em uma obrigação de proteção. O ser cuidado, geralmente, se encontra em uma situação de necessidade, em um estado de vulnerabilidade.” (OLEA-GUTIÉRREZ *et al.*, 2018, p. 162, tradução nossa).

<sup>5</sup> “Heidegger entende que o cuidado, sob o ponto de vista existencial, é anterior a toda a atitude ou situação do ser humano e surge quando a existência do outro adquire importância.” (PEDROSA; CAÍS; MONFORTE-ROYO, 2018, p. 45, tradução nossa).



<p>Sentidos do cuidado para acadêmicos de enfermagem: contribuições heideggerianas para o ensino</p> <p>(GARCIA <i>et al.</i>, 2020)</p> <p>Brasil.</p>	<p>Estudo fenomenológico com o objetivo de identificar os sentidos do cuidado de enfermagem para estudantes do último semestre da graduação em Enfermagem.</p>	<p>Desvelou-se a dicotomia entre o conhecimento teórico e a prática, bem como a importância de se transpor o cuidado técnico para um cuidado holístico/acolhedor e humanístico</p>	<p>“Human care is an act that expresses the need to meet two people in a particular situation or environment. By considering the meaning of care as caring, solicitude, diligence, zeal, attention, one realizes that it is part of the process of human survival, being an intrinsic value of life.<sup>1</sup> In parallel, Heidegger says that ‘Care’ names a way of being, says an ontological structure. As such, ‘care’ does not refer to this or that behavior or type of human behavior. Rather, it prevails as the mode of being that is active in any human behavior. All human behavior is ‘care’ and fulfilled as ‘care’.” (GARCIA <i>et al.</i>, 2020, p. 314)<sup>6</sup></p>
<p>Meaning of care before starting Nursing professional training.</p> <p>(BECERRA; TOLE; ESCOBAR, 2018)</p> <p>Cuba.</p>	<p>Estudo qualitativo com o objetivo de interpretar o significado do cuidado que têm os estudantes que iniciam a formação profissional em enfermagem.</p>	<p>O significado de cuidado se relaciona com a necessidade do indivíduo de prover mantimento no contexto cultural em que ocorre. Desde a formação, é indispensável compreender as interpretações dadas acerca da vida como estratégia de melhora da qualidade do cuidado de enfermagem.</p>	<p>“La literatura establece que el cuidado se encuentra estrechamente relacionado con la historia natural y la humana, lo que implica que surgió desde que existe el ser humano creando en él una mirada de lo que significa. Kuerten y colaboradores, señalan que, desde la instauración de una organización social, las personas se reúnen en grupo para cuidarse y prolongar la vida en aspectos como cuidar la salud, abrigarse, alimentarse, conocer la naturaleza, entre otros” (BECERRA; TOLE; ESCOBAR, 2018, p. 134)<sup>7</sup></p>
<p>Resistência e resignação: narrativas de gênero na escolha por enfermagem e pedagogia.</p> <p>(MACEDO, 2019)</p> <p>Brasil.</p>	<p>Estudo qualitativo com o objetivo de visibilizar a sobreposição de narrativas, evidenciando um esforço por parte das estudantes de fugir de uma régua que mediria o sucesso como voltado aos rendimentos financeiros.</p>	<p>Em ambas as carreiras, os processos de feminização dessas áreas se produzem e reproduzem por meio de associações persistentes entre feminilidade e cuidado.</p>	<p>“Nesse sentido é interessante retomar as reflexões que vêm sendo realizadas nas ciências sociais sobre os trabalhos de cuidado/care. Conforme pontuam Hirata, Guimarães e Sugita (2011, p. 156) ‘o care remete à questão de gênero, na medida em que essa atividade está profundamente naturalizada, como se fosse inerente à posição e à disposição (habitus) femininas’.” (MACEDO, 2019, p.14)</p>

<sup>6</sup> “O cuidado humano é um ato que expressa a necessidade de relacionamento de duas pessoas em uma determinada situação ou ambiente. Ao considerar o significado do cuidado como cuidado, solicitude, diligência, zelo, atenção, percebe-se que ele faz parte do processo de sobrevivência humana, sendo um valor intrínseco à vida do ser, diz uma estrutura ontológica. Como tal, ‘cuidado’ não se refere a este ou àquele comportamento ou tipo de comportamento humano. Pelo contrário, prevalece como o modo de ser que é ativo em qualquer comportamento humano. Todo comportamento humano é ‘cuidado’ e realizado como ‘cuidado’.” (GARCIA *et al.*, 2020, p. 314, tradução nossa).

<sup>7</sup> “A literatura estabelece que o cuidado se encontra estritamente relacionado com a história natural e a história humana, o que implica que surgiu desde que existe o ser humano, criando um vislumbre sobre seu significado. Kuerten e colaboradores apontam que, desde a instauração de uma organização social, as pessoas se reúnem em grupo para cuidar-se e prolongar a vida em aspectos como cuidar da saúde, abrigar-se, alimentar-se, conhecer a natureza, entre outros.” (BECERRA; TOLE; ESCOBAR, 2018, p. 134, tradução nossa).

<p>Cuidado ético do outro: contribuições de Edith Stein e Max Scheler.</p> <p>(ALVES <i>et al.</i>, 2018)</p> <p>Brasil.</p>	<p>Estudo qualitativo com o objetivo de analisar a empatia de Edith Stein e a simpatia de Max Scheler para um cuidado ético do outro.</p>	<p>A vida e o cuidado tornam-se necessários para as relações humanas e assim, de acordo com as filosofias de Stein e Scheler, cada pessoa é convidada a perceber o outro como ser humano.</p>	<p>“Desvelar os campos da empatia e da simpatia favorece a reflexão sobre o cuidado da pessoa humana, compartilhando seus sentimentos, sendo capaz de vivenciar esse cuidado, valendo-se da empatia para sentir o que o outro sente e pensa, fazendo com que a relação seja afetiva e simpática, assim contribuindo para o cuidado ético e essencialmente humano em Saúde, indispensável aos seus profissionais em saúde, especialmente aqueles que atuam na área da Enfermagem.” (ALVES <i>et al.</i>, 2018., p. 6).</p>
<p>Ser mãe e enfermeira: questões sobre gênero e a sobreposição de papéis sociais.</p> <p>(RODRIGUES <i>et al.</i>, 2017)</p> <p>Brasil.</p>	<p>Estudo qualitativo com o objetivo de descrever as experiências de mães enfermeiras na conciliação de seus papéis sociais.</p>	<p>Apesar de a maternidade ser considerada um marco importante na vida das mulheres, estas apontaram a retomada da vida profissional como condição para a conquista da autoestima e do melhor convívio social.</p>	<p>O artigo não declara a concepção de cuidado adotada para nortear a discussão.</p>
<p>La categoría de género en la investigación y producción de conocimiento en enfermería en Iberoamérica: aportes para el debate.</p> <p>(GALINDO HUERTAS; HERRERA GIRALDO, 2017)</p> <p>México.</p>	<p>Estudo qualitativo com o objetivo de visibilizar os vieses de gênero.</p>	<p>Não declarada.</p>	<p>O artigo não declara a concepção de cuidado adotada para nortear a discussão.</p>
<p>Burden and gender inequalities around informal care.</p> <p>(CASCELLA CARBÓ; GARCÍA-ORELLÁN, 2020)</p> <p>Colômbia.</p>	<p>Estudo qualitativo com o objetivo de entender as consequências do cuidado informal para a cuidadora em um debate na perspectiva de gênero.</p>	<p>Soluções precisam ser incluídas nas intervenções e políticas de saúde pública e comunitária; a respeito disso, enfermeiras possuem um importante papel na mudança dos paradigmas do cuidado.</p>	<p>O artigo não declara a concepção de cuidado adotada para nortear a discussão.</p>

Diferencias de carga en el cuidado asociadas al género.  (FERNÁNDEZ TORRALBO; CUETO TORRES; GRANDE GASCÓN, 2020)  Espanha.	Estudo qualitativo com o objetivo de estudar a diferença na carga subjetiva associada ao cuidado.	Não há apenas um maior número de mulheres que cuidam, mas elas também vivenciam uma maior sobrecarga em todos os níveis.	O artigo não declara a concepção de cuidado adotada para nortear a discussão.
La cuidadora familiar: sentimiento de obligación naturalizado de la mujer a la hora de cuidar.  (RUIZ; NICOLÁS, 2018)  Espanha.	Estudo qualitativo com o objetivo de visibilizar como a função do cuidado familiar fica restrita às mulheres como parte de papéis de gênero motivados por um sentimento de obrigação naturalizado.	A responsabilidade de ser o cuidador principal recai principalmente sobre as mulheres e é uma decisão mascarada por um falso consenso.	O artigo não declara a concepção de cuidado adotada para nortear a discussão.
Aportes del enfoque de género en la investigación de cuidadores primarios de personas dependientes.  (RANGEL FLORES <i>et al.</i> , 2017)  Espanha.	Estudo qualitativo com o objetivo de realizar uma revisão sistemática e crítica de estudos que incorporam o enfoque de gênero no cuidado nos últimos 5 anos.	Embora a pesquisa seja afirmada com uma abordagem de gênero, as análises se concentram na experiência das mulheres, o que enviesa o conhecimento do fenômeno.	O artigo não declara a concepção de cuidado adotada para nortear a discussão.
Género e cuidado informal: diferentes sentidos e significados para homens e mulheres  (VERAS, 2019)  Espanha.	Estudo qualitativo com o objetivo de examinar as tarefas diárias em relação aos cuidados de saúde que as mulheres de famílias de baixa renda no noroeste da província de Córdoba fazem em relação aos seus filhos e outros membros do seio familiar.	Em conclusão, essas histórias particulares de mulheres nos ajudam a observar que, mesmo hoje, o cuidado em casa tem um forte conteúdo cultural e está ligado ao gênero.	O artigo não declara a concepção de cuidado adotada para nortear a discussão.

Fonte: Elaborado pela autora.

A partir do instrumento de análise elaborado com as questões da etapa anterior (Quadro 1, Apêndice II), foi realizada a leitura crítica dos artigos e extraídas categorias empíricas, conforme o Quadro 3.

**Quadro 3 – Análise dos artigos revisados segundo categorias teóricas e empíricas, frequências, percentuais e exemplaridades. Brasília, 2022**

Categorias		n (%)	Exemplaridades
TEMA	Empíricas		
GÊNERO	Uso da categoria gênero sem definição, problematização ou com contradições.	12 (80)	<p>“Esse estudo trata de dar visibilidade sobre como a função de cuidado domiciliar permanece adscrita às mulheres por um papel de gênero motivado por um sentimento de obrigação naturalizado” (RUIZ; NICOLÁS, 2018, p. 421, tradução nossa)</p> <p>“As questões de gênero são historicamente determinadas pelo conceito de feminino e masculino, podendo variar segundo o tempo e o lugar” (RODRIGUES <i>et al.</i>, 2017, p. 92)</p> <p>“Pode-se concluir que nas universidades espanholas se está transmitindo um modelo de enfermagem onde o papel do cuidado é inerente ao gênero feminino” (PEDROSA; CAÏS; MONFORTE-ROYO, 2018, p. 48, tradução nossa)</p>
	Gênero como categoria analítica da crítica feminista	3 (20)	<p>“Conforme pontua Butler (2014, p. 272), podemos pensar sobre tais discursos como regulações engajadas ‘em produzir e manter a norma sobre o que um homem ou uma mulher devem ser, o que a linguagem deve ser, onde a sexualidade estará e não estará’”. (MACEDO, 2019, p. 16)</p> <p>“Essa revisão temática considera o gênero como uma categoria analítica crítica que permite questionar os significados que se ligam aos sexos, como se estabelecem e em que contextos. A partir da categoria gênero, os significados de homem e mulher não são fixos, mas mutáveis, por isso sempre devem ser questionados e desnaturalizados como essência.” (GALINDO HUERTAS; HERRERA GIRALDO, 2017, p. 181, tradução nossa)</p> <p>“É necessário recuperar o conceito que Legarde constrói sobre o gênero, em que o refere como uma construção simbólica imposta sobre as pessoas a partir de seu sexo (homem/mulher), dita uma série de características socialmente atribuídas a seus corpos, psique e erotismo, e que se traduz em desigualdades entre homens e mulheres nos âmbitos econômico, social, jurídico, político e cultural.” (RANGEL FLORES <i>et al.</i>, 2017, p. 2, tradução nossa)</p>
TRABALHO DO CUIDADO	Cuidado Despolitizado	7 (46)	<p>“Cuidar é um processo de intercâmbio simétrico, que requer ao menos dois sujeitos: a pessoa cuidadora e o ser cuidado. A simetria está representada pelo papel que os sujeitos desempenham no processo” (OLEA-GUTIÉRREZ <i>et al.</i>, 2018, p. 162, tradução nossa)</p>

		<p>“Cuidar dos outros é inerente ao ser humano, representando uma prática existente desde o nascimento da espécie humana” (TRINIDAD; PASCUAL; GARCÍA, 2019, p. 1, tradução nossa)</p> <p>“Heidegger entende que o cuidado, sob o ponto de vista existencial, é anterior a toda a atitude ou situação do ser humano e surge quando a existência do outro adquire importância.” (PEDROSA; CAÍS; MONFORTE-ROYO, 2018, p. 45, tradução nossa)</p>
Presença ou discussão das relações entre poder e gênero no cuidado.	2 (14)	<p>“Poucas pesquisas tratam da dimensão de gênero no trabalho de cuidado. Porém, fica claro pelos exemplos apresentados, que levar em consideração essa questão é fundamental, inclusive para a formação da cuidadora, para sua competência e sua qualificação plena para o exercício dessa atividade profissional” (SOUZA; PEREIRA; SILVA, 2018, p. 1887)</p> <p>“Incluir a perspectiva de gênero no desenvolvimento de planos de intervenção para auxiliar cuidadoras na melhora da sua qualidade de vida é desejável e necessário. Romper com os papéis sociais atribuídos à mulher no cuidado pode ser a mudança que permite o equilíbrio no trabalho do cuidado, que pode melhorar a qualidade de vida de pessoas dependentes, cuidadoras e de suas famílias em toda sociedade.” (CASCELLA CARBÓ; GARCÍA-ORELLÁN, 2020, p. 12, tradução nossa)</p>
Precarização do Trabalho Feminino.	6 (40)	<p>“A sobreposição dos inúmeros papéis e as pressões internas e externas, em busca de uma suposta perfeição no desempenho desses, repercute diretamente sobre a qualidade de vida e saúde destas profissionais, bem como sobre o processo de cuidar e educar seus próprios filhos. Neste cenário, deve-se reconhecer os limites inerentes ao ser humano, no sentido de propiciar a estas mulheres trabalhadoras que conduzam sua vida pessoal e profissional sem prejuízos ao seu bem-estar físico e mental.” (RODRIGUES <i>et al.</i>, 2017, p. 92)</p> <p>“Em suma, podemos falar de uma maneira de definir a cidadania à margem das mulheres, uma forma concreta de divisão sexual discriminatória do trabalho (porque implica em menos oportunidades para as mulheres de acessar o poder e riqueza) e uma forma de vincular afeto ao cuidado e desvalorizar todo tipo de tarefas desempenhadas majoritariamente pelas mulheres.” (RUIZ; NICOLÁS, 2018, p. 421, tradução nossa)</p> <p>“Outros estudos completam a tríade da vulnerabilidade com o aspecto da pobreza, mulheres que não têm possibilidade de inserção no mercado de trabalho, seja pela escassez de oferta ou porque são discriminadas pela idade. O exposto tem um impacto significativo na sua situação de saúde e bem-estar, uma vez que a falta de insumos para cuidar leva a um aumento do seu nível de estresse e frustração ao desempenhar o papel de cuidador” (RANGEL FLORES <i>et al.</i>, 2017, p. 3, tradução nossa)</p>

“ CUIDADORA NATURAL” NA ENFERMAGEM	Crítica ao estereótipo da Cuidadora Natural	3 (20)	<p>“Quando nos referimos à mulher, comumente nos vem a representação homogênea de uma massa uniforme de estereótipos: passiva, vulnerável, desvalorizada, vítima, mãe, esposa, reclusa na esfera doméstica, sujeito reprodutivo, submissa” (GALINDO HUERTAS; HERRERA GIRALDO, 2017, p. 191-192, tradução nossa)</p> <p>“Outro argumento utilizado pela bibliografia consultada, que sustenta a existência de um sentimento naturalizado de obrigação nas mulheres no que se refere ao cuidado, é a existência de um grande componente de obrigação moral e afetiva no cuidado familiar. Esses componentes, aliados ao fato de que propriedades de solidariedade e abnegação são comumente atribuídas ao gênero feminino, provocam uma associação socialmente aceita das mulheres com o cuidado. Essas associações, juntamente com o desejo de desenvolvimento pessoal, provocam uma luta desigual entre o que se entende como seu papel natural na sociedade e aquele que eles querem desenvolver em suas vidas.” (RUIZ; NICOLÁS, 2018, p. 432, tradução nossa)</p> <p>“Na Enfermagem, conforme constatam Marta Lopes e Sandra Leal (2005, p. 105), persiste a feminização ‘tanto na qualificação universitária como nos níveis médio e técnico’; tal processo está ligado, segundo as autoras, à divisão sexual do trabalho, entendida como ‘um princípio organizador da sociedade capitalista’, o qual se associa a outras formas de divisão social do trabalho. Assim, no caso das profissões feminizadas da saúde, mantém-se a relação entre ‘cuidado’ e ‘ação feminina’, num processo que naturaliza essas diferenças como atribuídas ao sexo feminino” (MACEDO, 2019, p. 16).</p>
	Reedição do Estereótipo da Cuidadora Natural	12 (80)	<p>“Na profissão de enfermagem, algumas características inerentes à figura tradicional da mulher, representada por sua vocação para o cuidado afetivo, se transportam para o seu fazer profissional. Mesclam-se neste fazer profissional muitos componentes da forma de se relacionar e do modo de ser feminino, o que faz com que a sensibilidade e o envolvimento pessoal com o sofrimento alheio acabem emergindo no âmbito de sua atuação profissional, exacerbando a sobrecarga psicoemocional destas mulheres” (RODRIGUES <i>et al.</i>, 2017, p. 96)</p> <p>“Essa mesma atenção cuidadosa, quando acompanhada do nascimento ou da morte, é o que gera no enfermeiro uma satisfação de realização humana que vai além da satisfação profissional. A enfermagem também pode ser considerada uma qualidade que algumas pessoas possuem de forma inata que leva a uma predisposição especial, chamada vocação, para ajudar os outros [...] A enfermagem é definida como uma atividade humana vinculada à mulher e relacionada com a maternidade, o cuidado dos filhos e a sobrevivência do ser humano. Esse instinto maternal é o que proporciona a motivação e o impulso necessário para cuidar também das pessoas enfermas e desamparadas.” (PEDROSA; CAÍS; MONFORTE-ROYO, 2018, p. 45-46, tradução nossa)</p>

		<p>“Cuidar de uma pessoa doente é uma situação que mulheres e homens vivenciaram em algum momento de suas vidas, que natural e espontaneamente assumem a responsabilidade, dedicam tempo e esforço a outros que não podem cuidar de si mesmos devido à idade, doença, invalidez ou deficiência para suprir suas necessidades físicas, emocionais, sociais e espirituais, e que garantam a sobrevivência” (OLEA-GUTIÉRREZ <i>et al.</i>, 2018, p.162, tradução nossa)</p> <p>“Pode-se dizer que o cuidado hoje preserva sua natureza na manutenção da vida, oferecendo apoio aos necessitados e garantindo a recuperação física, psicológica e espiritual; todos eles são aspectos que as mulheres sempre souberam fazer. [...] Para esse cenário específico, a mulher se destaca como receptora do ensino-aprendizagem do cuidado, destacando que essa função social lhe é praticamente exclusiva devido à sua capacidade de procriar e criar.” (BECERRA; TOLE; ESCOBAR, 2018, p. 134-140, tradução nossa)</p>
--	--	--

Fonte: Elaborado pela autora.

## 4 DISCUSSÃO

A primeira etapa desta pesquisa, que consistiu em uma revisão narrativa, teve como produto principal um quadro teórico-metodológico que norteou a análise das categorias discutidas a seguir, semelhante ao apresentado por Galindo Huertas e Herrera Giraldo (2017). Dessa forma, serão discutidas as categorias de análise da etapa 1 conforme surgiram nos artigos da etapa 2, precedidas pela discussão das concepções de cuidado.

### 4.1 Concepção de cuidado

Embora o cuidado integre o conhecimento e a prática da enfermagem, o *corpus* dessa revisão evidenciou fragilidades na teorização sobre o cuidar, repercutindo no potencial reflexivo da profissão. Quase a metade dos artigos (CASCELLA CARBÓ; GARCÍA-ORELÁN, 2020; FERNÁNDEZ TORRALBO; CUETO TORRES; GRANDE GASCÓN, 2020; GALINDO HUERTAS; HERRERA GIRALDO, 2017; RANGEL FLORES *et al.*, 2017; RODRIGUES *et al.*, 2017; RUIZ; NICOLÁS, 2018; VERAS, 2019) não discutiu a concepção de cuidado inserida na investigação. Isso demonstra uma fragilidade teórica das pesquisadoras enfermeiras em relação a uma importante concepção que orienta o agir profissional, o cuidado (PIRES, 2009). Nessas publicações, o cuidado é tido como “evidente” por si, sem necessidades de maiores explicações. Por outras vezes, ele emerge como coadjuvante na discussão, o que inibe reflexões e atitudes críticas sobre as iniquidades advindas do trabalho do cuidado, inscrita no mito da cuidadora natural (BIROLI, 2018; HIRATA, 2016; PIRES, 2017; TRONTO, 2009).

Quanto aos artigos que conceituaram cuidado, predominou uma concepção despolitizada, isto é, em que as complexas relações de poderes não são problematizadas. Isso se verifica principalmente nas categorias empíricas “Cuidado como prática essencialmente humana” (ALVES *et al.*, 2018; BECERRA; TOLE; ESCOBAR, 2018; TRINIDAD; PASCUAL; GARCÍA, 2019) e “Cuidado destituído de relações de poder e gênero” (GARCIA, 2020; OLEA-GUTIERREZ *et al.*, 2018; PEDROSA; CAÏS; MONFORTE-ROYO, 2018). A primeira aborda o cuidado unicamente como atividade do ser humano, associando-o à história e ao convívio em sociedade, como pode ser identificado neste trecho de Trinidad, Pascual e García (2019, p. 1, tradução nossa): “Cuidar dos outros é inerente ao ser humano, representando uma prática que existe desde o nascimento da espécie humana”.



Embora relevante para as ações de saúde, essa concepção ignora a existência do cuidado na natureza, isto é, aquela necessária para a autopoiese<sup>8</sup> de todos os seres vivos, inclusive os humanos. Aqui, concebe-se o cuidado enquanto inerente à própria vida, entendendo os processos sociais, políticos (cultura) e biológicos (natureza) como inter-relacionados. Noutras palavras, trata-se de um saber cuidar do planeta que somos, em rica pluralidade e diversidade de seres vivos, em intensa disputa e interação (PIRES, 2005). A esse respeito, são abundantes as relações de cuidado inscritas na ecologia dos seres vivos, os quais cuidam dos processos vitais, de suas crias e estabelecem ações de interação dinâmica na natureza (cooperação, simbiose, mutualismo, entre outros) (ANDRÉ; CUNHA; RODRIGUES, 2016; BOFF, 2017).

Nas visões de cuidado despolitizado identificadas na revisão de escopo, desvelam-se também concepções acríicas, relacionadas ao “Trabalho do Amor”, eivadas de rígidos valores morais idealizados na visão de que o cuidado é sempre “bom”; por consequência, a enfermeira que cuida é um “anjo” (HOEVE; JANSEN; ROODBOL, 2014). Em consonância com essa discussão, Tronto (2007, p. 287) pontua que o cuidado não é uma experiência unívoca, uma vez que:

Tal definição de cuidado também exclui ‘o mau cuidado’ do cuidado em si. Imagine uma atendente de enfermagem que deteste seus pacientes e apenas faça seu trabalho com pouquíssimo interesse a fim de evitar ser despedida e para receber seu pagamento. Certamente, tal pessoa põe em prática o cuidado humano, embora não o faça bem. Sendo assim, a inclusão da afeição e da responsabilidade prejudica a qualidade do cuidado.

Por ser relacional, o cuidado encobre no ato de ajuda um poder, portanto um vínculo de subjugação (afinal, cuida do outro quem tem poder para tal), que pode encobrir violências simbólicas estruturais sob o rótulo inquestionável do “amor”. A importância de se atentar para como essa relação se constitui e pensá-la a partir da perspectiva da democracia – objetivando minimizar ao máximo as desigualdades e vulnerabilidades envolvidas nesse processo – constitui uma reflexão central para o enfrentamento das desigualdades do trabalho e das questões de gênero na enfermagem (PIRES, 2016; TRONTO, 2009).

---

<sup>8</sup> André *et al.* (2016, p. 145) define autopoiese como “os elementos característicos de um sistema vivo e sua estrutura (grego – auto – próprio, poiesis – criação, centro da dinâmica constitutiva dos seres vivos), na qual os sistemas produzem e trocam seus próprios componentes, numa ininterrupta articulação com o meio, a ideia de autopoiese aplica-se também a sistemas que trabalham produzindo-se a si mesmos em domínios de interação com outras unidades, e que ocupam funções ora como ‘organizadores’ (coletivo-individual), ora como ‘autores’ (individual-coletivo)”. Pires (2005, p. 731) completa que “Por existir sobretudo na natureza, o cuidado faz parte da autopoiese dos seres vivos (fenômenos de relação e produção autônomos que conformam o ser vivo)”.

A par da inclusão do político nas relações de cuidar, Tronto (2007) parte de duas classificações para analisar a realidade das relações, sendo elas: i- Cuidado Necessário (aquele que a pessoa não consegue prover a si mesma e depende de um terceiro); ii- o Serviço Pessoal (em que a pessoa consegue realizar, mas decide atribuir a outrem). Sabendo disso, consideramos que as relações de cuidado implicam em relações assimétricas, que podem ser acentuadas ou horizontalizadas, a depender do tipo de cuidado demandado, das pessoas envolvidas e das condições materiais para a sua realização.

Em contrapartida, como forma de resistência, Souza, Pereira e Silva (2018) e Macedo (2019) (n = 2; 13%) apresentaram uma concepção de cuidado alinhada ao conceito de trabalho do cuidado da sociologia das emoções, indicando uma tendência crítica contra-hegemônica na produção científica da enfermagem. Como se pode ver nas exemplaridades de trechos do Quadro 3 referentes a essas autoras, a discussão do cuidado se estabelece em diálogo com a epistemologia feminista, desvelando iniquidades e violências por trás de idealizações sexistas do cuidado, visto como essencialmente feminino (HIRATA, 2016; TRONTO, 2009).

## 4.2 Gênero

No que concerne à categoria temática gênero, entre as categorias empíricas sistematizadas a partir da análise de conteúdo dos artigos revisados, destaca-se maior frequência no “Uso da categoria gênero sem definição, problematização ou com contradições” (ALVES *et al.*, 2018; BECERRA; TOLE; ESCOBAR, 2018; CASCELLA CARBÓ; GARCÍA-ORELÁN, 2020; FERNÁNDEZ TORRALBO; CUETO TORRES; GRANDE GASCÓN, 2020; GARCIA *et al.*, 2020; OLEA-GUTIERREZ *et al.*, 2018; PEDROSA; CAÍS; MONFORTE-ROYO, 2018; RODRIGUES *et al.*, 2017; RUIZ; NICOLÁS, 2018; SOUZA; PEREIRA; SILVA, 2018; TRINIDAD; PASCUAL; GARCÍA, 2019; VERAS, 2019). Nela se encontram aqueles artigos que não se posicionaram quanto à concepção de gênero adotada para a análise ou não utilizaram gênero como categoria da epistemologia feminista, reeditando, por vezes, as violências simbólicas sobre as mulheres (SCOTT, 2011). Essa categoria demonstra uma superficialidade na discussão das questões de gênero no âmbito da enfermagem. Além disso, vê-se uma desarticulação entre as categorias Trabalho do Cuidado e Gênero, vinculada com uma abordagem superficial e despolitizada da noção do *Care*, ao ignorar as condições materiais, sociais, políticas e de gênero em que este é desempenhado (GALINDO HUERTAS; HERRERA GIRALDO, 2017; OKA; LAURENTI, 2018). Essa superficialidade pode ser percebida na

exemplaridade extraída de Rodrigues *et al.* que permanece circunscrita no binarismo homem/mulher.

No enfrentamento das concepções acríticas identificadas na produção científica da enfermagem, Scott (2011) aponta o risco de abordar gênero como uma categoria com significado único, evidente e livre de controvérsias, podendo incorrer na “essencialização”, com mitigação de seu potencial transformador. De forma complementar, Aquino (2006) problematiza essa superficialidade na discussão da categoria gênero na área da saúde, apontando um esvaziamento de sentido e uma carência de embasamento epistemológico para articular saberes das ciências humanas com os da saúde. Por sua vez, Oka e Laurenti (2018) pontuam que não basta incluir conceitos e termos das ciências humanas com o objetivo de atribuir um *status* de criticidade à pesquisa, é necessário explorá-los, dialogar com os conhecimentos, articulá-los num contexto histórico.

Por outro lado, como forma de resistência do esvaziamento das discussões de gênero na produção científica da profissão, os artigos contidos na categoria “Gênero como categoria analítica da crítica feminista” (GALINDO HUERTAS; HERRERA GIRALDO, 2017; MACEDO, 2019; RANGEL FLORES *et al.*, 2017) representam um embasamento teórico coerente com a epistemologia feminista. Ou seja, abordam o gênero em perspectiva crítica, assumindo-o como culturalmente mediado e historicamente constituído, em contraposição ao binarismo de sexo/gênero restrito a genitália biológica (CHANTER, 2011). Nesse sentido, Galindo Huertas e Herrera Giraldo (2017, p.181, tradução nossa) dialogam com essa perspectiva crítica ao afirmar que “a partir da categoria gênero os significados de homem e mulher não são fixos, mas mutáveis, por isso sempre devem ser questionados e desnaturalizados”. Rangel Flores *et al.* (2017) também ratificam a dimensão simbólica do gênero.

### **4.3 Trabalho do Cuidado**

Nesta temática surgiram três categorias empíricas. A primeira delas, “Cuidado Despolitizado”, representa cerca da metade dos artigos incluídos na revisão de escopo (ALVES *et al.*, 2018; BECERRA; TOLE; ESCOBAR, 2018; GARCIA *et al.*, 2020; OLEA-GUTIERREZ *et al.*, 2018; PEDROSA; CAÏS; MONFORTE-ROYO, 2018; TRINIDAD; PASCUAL; GARCÍA, 2019; VERAS, 2019). Os artigos dessa categoria não abordaram os conflitos de poder intrínsecos à noção de *Care* (HIRATA, 2016), com incipiente

problematização das tensões, rupturas e assimetrias entre quem oferta e quem recebe o cuidado (PIRES, 2017). Podemos visualizar isso quando o cuidado é visto como um “processo de intercâmbio simétrico” (OLEA-GUTIERREZ *et al.*, 2018, p. 162), como se as relações humanas não fossem estruturalmente marcadas por dinâmicas de poderes. Com isso, excluem-se as relações de vulnerabilidade e hierarquias nas quais o cuidar está imerso (PIRES, 2007).

No que concerne às desigualdades de gênero presentes no trabalho do cuidado, na categoria “Precarização do Trabalho Feminino” (FERNÁNDEZ TORRALBO; CUETO TORRES; GRANDE GASCÓN, 2020; GALINDO HUERTAS; HERRERA GIRALDO, 2017; MACEDO, 2019; RANGEL FLORES *et al.*, 2017; RODRIGUES *et al.*, 2017; RUIZ; NICOLÁS, 2018), as exemplaridades do Quadro 3 apontam as repercussões injustas na profissão ou outras atividades do cuidado, citando, principalmente, a desvalorização e sobrecarga de trabalho que repercute em violências, prejuízos materiais, redução na qualidade de vida das profissionais de saúde e das cuidadoras, bem como restrição no acesso à esfera de vida pública (BIROLI, 2018).

Para Souza, Dumont-Pena e Patrocino (2022), essa precarização está associada a profissões ocupadas majoritariamente por mulheres e que desempenham atividades de desgaste físico e emocional, como a enfermagem. Nesses contextos, as trabalhadoras são desumanizadas e se submetem a um sistema de cuidado mercantilizado, às custas do trabalho de mulheres majoritariamente imigrantes, negras e pobres. Injustamente, apesar de essas mulheres serem provedoras de cuidado, enfrentam enorme dificuldade para acessá-lo.

Em contraponto resistente à despolitização do trabalho do cuidado, a categoria “Presença ou discussão das relações entre poder e gênero no cuidado” (CASCELLA CARBÓ; GARCÍA-ORLEÁN, 2020; SOUZA; PEREIRA; SILVA, 2018) aponta artigos que problematizam as relações de poder e consideram a categoria gênero como central para essa discussão, apontando benefícios tanto na formação de cuidadoras (SOUZA; PEREIRA; SILVA, 2018) quanto na qualidade de vida destas (CASCELLA CARBÓ; GARCÍA-ORLEÁN, 2020). Nesses artigos, as potencialidades da perspectiva de gênero apontam alternativas para uma melhor distribuição do trabalho do cuidado e, conseqüentemente, melhora da qualidade de vida e conquista da cidadania das mulheres cuidadoras e/ou enfermeiras. Acerca da ampliação da cidadania das mulheres, Tronto (2007; 2009) aponta que o objetivo do cuidado é “tornar a sociedade o mais democrática possível” (TRONTO, 2009, p. 290), partindo do ponto de que as relações de cuidado são, em geral, desiguais, produzidas sobre vulnerabilidades que, muitas vezes, acentuam-se na dinâmica relacional do *Care*. Além disso, ressalta a importância de

politizar o cuidado, ou seja, pensar em políticas de cuidado mais democráticas e que questionem as estruturas de poder vigentes.

Esse pensamento se coaduna com Pires (2007), para quem essa politização se dá a partir da criticidade e da criatividade das enfermeiras, priorizadas desde a formação. Em entrevista recente sobre a profissão, Tronto (2020) considera a enfermagem como um local privilegiado para a reflexão acerca da Ética do Cuidado, devido à proximidade com a concretude das práticas de cuidado. Noutras palavras, ao discutir o trabalho do cuidado partindo da ótica de enfermeiras, promove-se a possibilidade de reorientar os valores sociais acerca do cuidado e enfrentar as iniquidades produzidas pela responsabilização desigual do cuidado (TRONTO, 2020).

#### 4.4 “Cuidadora natural” na enfermagem

Em resposta à questão desta pesquisa, evidenciamos a “Reedição do Estereótipo da Cuidadora Natural” em 80% da produção revisada (ALVES *et al.*, 2018; BECERRA; TOLE; ESCOBAR, 2018; CASCELLA CARBÓ; GARCÍA-ORELÁN, 2020; FERNÁNDEZ TORRALBO; CUETO TORRES; GRANDE GASCÓN, 2020; GARCIA *et al.*, 2020; OLEA-GUTIERREZ *et al.*, 2018; PEDROSA; CAÏS; MONFORTE-ROYO, 2018; RANGEL FLORES *et al.*, 2017; RODRIGUES *et al.*, 2017; SOUZA; PEREIRA; SILVA, 2018; TRINIDAD; PASCUAL; GARCÍA, 2019; VERAS, 2019). Nesses artigos, reproduz-se a ideia de que o cuidado da enfermagem se relaciona ao instinto maternal, equipara as vivências entre homens e mulheres, ignorando as iniquidades relacionadas ao *Care* que incidem de forma desigual a depender do gênero. Pode-se identificar o reforço dos estereótipos de gênero na profissão, nos seguintes trechos dos artigos:

O cuidado era uma tarefa associada ao papel feminino, uma vez que as mulheres eram responsáveis por cuidar das crianças, dos idosos e dos doentes; e realizar outras ações voltadas à administração do lar. Soma-se a esses antecedentes a experiência advinda da gravidez e do parto; que acabou lhe atribuindo papéis associados à cura e à cura espiritual; todos eles são aspectos que as mulheres sempre souberam fazer (BECERRA; TOLE; ESCOBAR, 2018, p. 134, tradução nossa).

Diante dessas condições, a expressão de valores culturais como o sacrifício materno e o apoio da família extensa são estratégias compensatórias necessárias para lidar com uma carga de trabalho doméstica exigente (VERAS, 2019, p. 15, tradução nossa).

Esse instinto natural que determina que mulheres optem por desempenhar o papel de cuidado como parte de sua natureza tem favorecido a invisibilidade da enfermagem como profissão. A Organização Internacional do Trabalho (OIT) define as capacidades relacionadas com o trabalho feminino como qualidades intrínsecas de

mulheres que não são mensuráveis ou quantificáveis e, portanto, invisíveis (PEDROSA; CAÍS; MONFORTE-ROYO, 2018, p. 45, tradução nossa).

Esses artigos partem da ideia de que a mulher é instintivamente propensa ao cuidado, ignorando os papéis sociais de gênero que são interpelados às meninas e mulheres, corroborando a naturalização do cuidado. Observa-se que o cuidado e/ou as cuidadoras são caracterizados a partir de qualidades morais que reiteram a associação com domesticidade/vocação (PEDROSA; CAÍS; MONFORTE-ROYO, 2018; RODRIGUES *et al.*, 2017). Como se pode ver, essas visões estereotipadas se relacionam diretamente com a ideia da “cuidadora natural”, tendo como sua principal representante as enfermeiras.

Nesta categoria, observamos ainda algumas contradições, como aquelas presentes no discurso de Ferreira (2017), que, apesar de questionar a feminização do cuidado, acaba por reiterá-la ao afirmar que nas mulheres há uma “vocação para o cuidado afetivo” (FERREIRA, 2017, p. 96) e um “modo de ser feminino” (FERREIRA, 2017, p. 96). Com isso, percebe-se que, apesar do ensaio de uma fuga do binarismo preponderante, o caráter normativo inscrito na profissionalização da enfermagem é forte o suficiente para mantê-lo violentado na “essência feminina”, claramente estereotipado.

Acerca das problematizações da naturalização do cuidado, Zanello (2018) aponta como as características de cuidadora atribuídas socialmente às mulheres forjaram sua subordinação. A autora nomeia de “dispositivo materno” esse processo de socialização do feminino, o qual demanda papéis sociais de maternagem e cuidado, assumidos por mulheres em função da capacidade de procriação e deveres morais patriarcais. Ela aponta a necessidade de “dessentimentalizar o cuidado, desnaturalizá-lo e desgendrâ-lo” (ZANELLO, 2018, p. 153), com vistas a ampliar a resistência das mulheres. Zanello (2018) ratifica como o discurso de naturalização encobre as características sob as quais o cuidado é desempenhado e o desqualifica enquanto trabalho, invisibilizando o *savoir-faire* (saber-fazer) sob o “manto da vocação maternal e emocional” (ZANELLO, 2018, p. 169). Percebe-se claramente como esses estereótipos de gênero que violentam as mulheres são reproduzidos pelas enfermeiras, o que torna o caminho de enfrentamento mais complexo, uma vez que a questão não é vista como violência pelas próprias agentes privilegiadas e intelectuais da profissão.

Como forma de contrapoder resiliente, a categoria “Crítica ao Estereótipo da Cuidadora Natural” (GALINDO HUERTAS; HERRERA GIRALDO, 2017; MACEDO, 2019; RUIZ; NICOLÁS, 2018) identifica apenas três artigos (20%) com um posicionamento crítico, com questionamentos da ideia estável do cuidado como atribuição e habilidade inerentemente

feminina. Nessas produções, realiza-se uma crítica acerca da imagem estereotipada da mulher como subserviente e sobre as enfermeiras. Essas críticas então presentes em Macedo (2019, p. 16), quando afirma:

Na Enfermagem, conforme constatam Marta Lopes e Sandra Leal (2005, p. 105), persiste a feminização ‘tanto na qualificação universitária como nos níveis médio e técnico’; tal processo está ligado, segundo as autoras, à divisão sexual do trabalho, entendida como ‘um princípio organizador da sociedade capitalista’, o qual se associa a outras formas de divisão social do trabalho. Assim, no caso das profissões feminizadas da saúde, mantém-se a relação entre ‘cuidado’ e ‘ação feminina’, num processo que naturaliza essas diferenças como atribuídas ao sexo feminino.

No âmbito da enfermagem, Pires (2016) propõe a Politicidade do Cuidado como alternativa para o “reordenamento dos estereótipos que subjugam as mulheres” (PIRES, 2016, p. 1228) partindo de três pilares: epistemologia feminista para cuidar melhor; cuidar para confrontar; e cuidar para ser questionada. Dessa forma, enfatizamos a importância de subverter a imagem estereotipada da enfermeira para viabilizar a expressão das múltiplas potencialidades que a enfermagem pode subverter. Afinal, estamos falando de uma profissão responsável pela formação e pelas ações de 80% da força de trabalho em saúde, cujo poder de mudança permanece sufocado a cada vez que as pesquisadoras enfermeiras reafirmam o mito da “cuidadora natural”.

## 5 CONCLUSÃO

A partir da revisão narrativa, foi construído um quadro teórico-referencial para a análise das abordagens de cuidado na produção científica da enfermagem na perspectiva de gênero, abordando as seguintes categorias temáticas: Gênero, Trabalho do Cuidado e Estereótipo da “cuidadora natural” na enfermagem.

Na revisão de escopo, ao realizar a leitura crítica dos artigos à luz das questões de análise elaboradas na revisão narrativa, observou-se que a concepção de cuidado é permeada por fragilidades que enfraquecem os estudos do ponto de vista epistemológico e ratificam estereótipos de gênero. Problematiza-se a abordagem do gênero desarticulada de sua origem na epistemologia feminista, que colabora para um esvaziamento de sentido dessa categoria e ratifica a necessidade de aprofundamento epistemológico para as discussões das questões de gênero.

Além disso, apontamos uma tendência despolitizante na abordagem do Trabalho do Cuidado, que não explora as imbricações de poder e gênero que são inerentes ao cuidado, bem como seus impactos para a democracia. Essa tendência está relacionada à precarização do trabalho feminino, que repercute em desvalorização e sobrecarga de trabalho, prejuízos materiais, redução na qualidade de vida das profissionais de saúde e das cuidadoras, bem como restrição no acesso à esfera de vida pública.

Em resposta à questão principal desta pesquisa, qual seja, se a produção científica acerca do cuidado na profissão reedita ou critica o estereótipo da cuidadora natural, concluímos pela hegemonia do discurso da enfermagem permeado pelo estereótipo da “cuidadora natural” que ratifica a naturalização do cuidado e a divisão sexual do trabalho.

### 5.1 Limitações

A pesquisa teve limitações temporais na revisão de escopo quanto à amostra dos estudos selecionados, devido ao grande número de referências encontradas nas buscas em base de dados. A seleção e a análise dos artigos foram realizadas por apenas uma pesquisadora, contrariando a recomendação de duplo cego, o que pode ter limitado o alcance da técnica utilizada.



## REFERÊNCIAS

ALVES, Valdecyr Herdy *et al.* Cuidado ético do outro: contribuições de Edith Stein e Max Scheler. **Escola Anna Nery**, v. 22, 2018.

ANDRÉ, Susana; CUNHA, Madalena; RODRIGUES, Victor. Autopoiese e o cuidado: cuidadores informais. **Millenium – Journal of Education, Technologies, and Health**, n. 41, p. 145-148, 2016.

AQUINO, Estela M. L. Gênero e saúde: perfil e tendências da produção científica no Brasil. **Revista de Saúde Pública**, v. 40, p. 121-132, 2006.

ARKSEY, Hilary; O'MALLEY, Lisa. Scoping studies: towards a methodological framework. **International Journal of Social Research Methodology**, v. 8, n. 1, p. 19-32, 2005.

BECERRA, Ana Cecilia; TOLE, Mildred Guarnizo; ESCOBAR, Lina María Vargas. Meaning of care before starting Nursing professional training. **Revista Cubana de Educación Médica Superior**, v. 32, n. 3, p. 133-146, 2018.

BIROLI, Flávia. Responsabilidade, cuidado e democracia. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 18, p. 81-117, set.-dez. 2015.

BIROLI, Flávia. **Gênero e desigualdades**: limites da democracia no Brasil. São Paulo: Boitempo Editorial, 2018.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar**: ética do humano-compaixão pela terra. Petrópolis: Vozes, 2017.

BORIS, Eileen. Produção e reprodução, casa e trabalho. **Tempo social**, v. 26, n. 1, p. 101-121, 2014.

CASCELLA CARBÓ, Giuliana F.; GARCÍA-ORELLÁN, Rosa. Burden and gender inequalities around informal care. **Investigación y educación en enfermería**, v. 38, n. 1, 2020.

CHANTER, Tina. **Gênero**: conceitos-chave em filosofia. Porto Alegre: Artmed Editora, 2011.

COOK, Rebecca J.; CUSACK, Simone. **Estereótipos de gênero**: perspectivas legais transnacionais. Bogotá: Profamilia, 2010.

DELPHY, Christine *et al.* **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

DENZIN, N. K. **The research act**: a theoretical introduction to sociological methods. 2. ed. New York: McGraw-Hill, 1978.

- DINIZ, Debora. Estereótipos de gênero nas cortes internacionais – um desafio à igualdade: entrevista com Rebecca Cook. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 451-462, ago. 2011.
- EHRENREICH, Barbara; ENGLISH, Deirdre. **Witches, midwives, & nurses: A history of women healers.** Nova York: The Feminist Press at CUNY, 2010.
- FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: Mulheres, corpo e acumulação primitiva.** Rio de Janeiro: Editora Elefante, 2018.
- FERNÁNDEZ TORRALBO, Carmen María; CUETO TORRES, Irene; GRANDE GASCÓN, Maria Luisa. Diferencias de carga en el cuidado asociadas al género. **Ene**, v. 14, n. 1, 2020.
- FERREIRA, D. M. M.; PEREIRA, D. V. Gênero feminino: identidade e estereótipo – Dilma Rousseff em seu primeiro mandato. **Revista do GELNE**, v. 18, n. 1, p. 1-22, 2 jan. 2017.
- FISHER, Berenice; TRONTO, Joan. Toward a feminist theory of caring. **Circles of Care: Work and Identity in Women's Lives**, p. 35-62, 1990.
- FONSECA, Ana Lucia Telles. **Mulheres (in)visíveis: a cronologia da enfermagem moderna sob a perspectiva de gênero.** 2017. 22 f. Monografia (Especialização) – Curso de Pós-Graduação, Escola da Magistratura do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.
- FONSECA, L. F.; SILVA, M. J. P. da. (2012). Desafiando a imagem milenar da enfermagem perante adolescentes pela internet: impacto sobre suas representações sociais. **Ciência, Cuidado e Saúde**, v. 11, n. 5, p. 54-62, 2012. doi: 10.4025/ciencucuidsaude.v11i5.17052.
- GALINDO HUERTAS, Mayra Solanye; HERRERA GIRALDO, Sandra Lorena. La categoría de género en la investigación y producción de conocimiento en enfermería en Iberoamérica: aportes para el debate. **La ventana – Revista de estudios de género**, v. 5, n. 46, p. 177-201, 2017.
- GARCIA, Fernanda Rezende *et al.* Sentidos do cuidado para acadêmicos de enfermagem: contribuições heideggerianas para o ensino. **Rev. Pesqui.**, Rio de Janeiro, p. 318-323, 2020.
- HIRATA, H.; GUIMARAES, N. A. (org.). **Cuidado e cuidadoras: as várias faces do trabalho do Care.** São Paulo: Atlas, 2012.
- HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça: Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. **Tempo Social**, v. 26, n. 1, 2014.
- HIRATA, Helena. O trabalho de cuidado. **Sur Rev Int Direitos Human**, v. 13, p. 53-64, 2016.
- HIRATA, Helena; MOLINIER, Pascale. Les ambiguïtés du care. **Travailler**, v. 28, n. 2, p. 9-13, 2012.
- HOEVE, Yvonne ten; JANSEN, Gerard; ROODBOL, Petrie. The nursing profession: Public image, self-concept and professional identity. A discussion paper. **Journal of Advanced Nursing**, v. 70, n. 2, p. 295-309, 2014.

KÜCHEMANN, Berlindes Astrid; BANDEIRA, Lourdes Maria; ALMEIDA, Tânia Mara Campos de. A categoria gênero nas ciências sociais e sua interdisciplinaridade. **Revista do CEAM**, v. 3, n. 1, p. 63, 2015.

LOMBARDI, Maria Rosa; CAMPOS, Veridiana Parahyba. A enfermagem no Brasil e os contornos de gênero, raça/cor e classe social na formação do campo profissional. **Rev. Abet.**, v. 17, n. 1, p. 28-46, 2018.

MACEDO, Renata Mourão. Resistência e resignação: narrativas de gênero na escolha por enfermagem e pedagogia. **Cadernos de Pesquisa**, v. 49, p. 54-76, 2019.

MACHADO, M. H.; AGUIAR, W. F.; LACERDA, W. F.; OLIVEIRA, E.; LEMOS, W.; WERMELINGER, M. *et al.* **Relatório final da Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil (Convênio: Fiocruz/Cofen)**. Rio de Janeiro: NERHUS-DAPS-Ensp/Fiocruz e Cofen, 2015. 28v.

MERHY, Emerson Elias *et al.* **Trabalho em saúde**. Material produzido para a EPJV/FIOCRUZ, 2005.

MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. **Feminismo e política**: uma introdução. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.

MOLINIER, Pascale. Au-delà de la féminité et du maternel, le travail du care. **Champ psy**, n. 2, p. 161-174, 2010.

OKA, Mateus; LAURENTI, Carolina. Entre sexo e gênero: um estudo bibliográfico-exploratório das ciências da saúde. **Saúde e Sociedade**, v. 27, p. 238-251, 2018.

OLEA-GUTIÉRREZ, Cinthia Viridiana *et al.* Estructura y organización de las representaciones sociales del concepto cuidar en cuidadores de personas con enfermedad crónica. **Revista de Enfermería del Instituto Mexicano del Seguro Social**, v. 26, n. 3, p. 161-170, 2018.

PEDROSA, Olga Rodrigo; CAÏS, Jordi; MONFORTE-ROYO, Cristina. Emergencia del modelo de enfermería transmitido en las universidades españolas: una aproximación analítica a través de la Teoría Fundamentada. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, p. 41-50, 2018.

PETERS, Micah D. J. *et al.* Updated methodological guidance for the conduct of scoping reviews. **JBI evidence synthesis**, v. 18, n. 10, p. 2119-2126, 2020.

PIRES, Denise. A enfermagem enquanto disciplina, profissão e trabalho. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 62, p. 739-744, 2009.

PIRES, Denise. Reestruturação produtiva e trabalho em saúde no Brasil. *In*: PIRES, Denise; **Reestruturação produtiva e trabalho em saúde no Brasil**. São Paulo, Annablume, 2008. p. 253-253.

PIRES, M. R. G. M. Políticas de saúde às práticas da/o enfermeira/o na APS. *In*: FERREIRA, Sandra Rejane Soares; PÉRICO, Lisiane Andréia Devinar; DIAS, Vilma Regina Freitas

Gonçalves (Org.). **O trabalho do enfermeiro na Atenção Primária à Saúde**. Rio de Janeiro: Atheneu, 2017. v. 1, p. 93-110.

PIRES, M. R. G. M. Concepção de subjetividade em Butler no jogo VIOLETAS: agenciamentos de gênero e cidadania. **Fazendo Gênero 9: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos**, v. 3, p. 1-13, 2018.

PIRES, Maria Raquel Gomes Maia. Politicidade do cuidado como referência emancipatória para a enfermagem: conhecer para cuidar melhor, cuidar para confrontar, cuidar para emancipar. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 13, p. 729-736, 2005.

PIRES, Maria Raquel Gomes Maia; FONSECA, Rosa Maria Godoy Serpa da; PADILLA, Beatriz. A politicidade do cuidado na crítica aos estereótipos de gênero. **Rev. Bras. Enferm.**, Brasília, v. 69, n. 6, p. 1223-1230, dez. 2016.

RANGEL FLORES, Yesica Yolanda *et al.* Aportes del enfoque de género en la investigación de cuidadores primarios de personas dependientes. **Index de Enfermería**, v. 26, n. 3, p. 157-161, 2017.

RODRIGUES, Bruna Caroline *et al.* Ser mãe e enfermeira: questões sobre gênero e a sobreposição de papéis sociais. **Rev Rene**, v. 18, n. 1, p. 91-98, 2017.

ROTHER, Edna Terezinha. Revisión sistemática X Revisión narrativa. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 20, p. v-vi, 2007.

RUIZ, Ismael Jiménez; NICOLÁS, María Moya. La cuidadora familiar: sentimiento de obligación naturalizado de la mujer a la hora de cuidar. **Enfermería Global**, v. 17, n. 1, p. 420-447, 2018.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, P. B. **Metodologia de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: McGraw-Hill, 2006. 584 p.

SCOTT, Joan W. Género:¿ Todavía una categoría útil para el análisis? **Teoría y pensamiento feminista**, 2011.

SCOTT, Joan W. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**. 3. ed. Tradução Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. Recife: SOS CORPO, 1989. Mimeografado.

SILVA, G. B. **Enfermagem Profissional: análise crítica**. São Paulo: Ed. Cortez, 1986.

SILVA, Laianna. **Gênero, formação e trabalho na enfermagem: análise da influência dos estereótipos na autonomia profissional**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Enfermagem) – Universidade de Brasília, 2016.

SOARES, A. As emoções do care. *In*: HIRATA, H. S.; GUIMARÃES, N. A.; FONTES, A. (org.). **Cuidado e cuidadoras: as várias faces do trabalho do care**. São Paulo: Atlas, 2012. p. 44-59.

SOUZA, Érica Renata; DUMONT-PENA, Érica; PATROCINO, Laís Barbosa. Pandemia do coronavírus (2019-nCoV) e mulheres: efeitos nas condições de trabalho e na saúde. **Saúde em Debate**, v. 46, p. 290-302, 2022.

SOUZA, Irene Duarte; PEREIRA, Jéssica de Aquino; SILVA, Eliete Maria. Entre o Estado, a sociedade e a família: o care das mulheres cuidadoras. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 71, p. 2720-2727, 2018.

SUTO, Cleuma Sueli Santos *et al.* Análise de dados em pesquisa qualitativa: aspectos relacionados a triangulação de resultados. **Revista Enfermagem Contemporânea**, v. 10, n. 2, p. 241-251, 2021.

TRICCO, Andrea C. *et al.* PRISMA extension for scoping reviews (PRISMA-ScR): checklist and explanation. **Annals of Internal Medicine**, v. 169, n. 7, p. 467-473, 2018.

TRINIDAD, Miriam Fernández; PASCUAL, Juan Luis González; GARCÍA, Marta Rodríguez. Perception of caring among nursing students: Results from a cross-sectional survey. **Nurse Education Today**, v. 83, p. 104196, 2019.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais. **A pesquisa**, p. 133, 1987.

TRONTO, Joan C. An interview with Joan Tronto on care ethics and nursing ethics. **Nursing Ethics: Feminist Perspectives**. Berlim: Springer, 2020. p. 93-96.

TRONTO, Joan C. Care démocratique et démocraties du care. **Qu'est-ce que le care**, p. 35-55, 2009.

TRONTO, Joan C. Democratic caring and caring democracies. **Sociedade e Estado**, v. 22, n. 2, 2007.

VERAS, Macarena Perusset. Gender and informal care: different sense and meanings for men and women/Gênero e cuidado informal: diferentes sentidos e significados para homens e mulheres/Género y cuidado informal: distintos sentidos. **Revista de Enfermagem da UFPI**, v. 8, n. 1, p. 11-16, 2019.

ZANELLO, V. **Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação**. Curitiba: Editora Appris, 2018.

## APÊNDICE I – Protocolo de Revisão de Escopo

### ABORDAGENS DO CUIDADO NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DA ENFERMAGEM: REEDIÇÃO OU COMBATE AO ESTEREÓTIPO DA “CUIDADORA NATURAL”?

**P (População, problema):** literatura científica da enfermagem;

**C (Conceito):** abordagem epistemológica do cuidado;

**C (Contexto):** enfermagem.

- **PERGUNTA PROBLEMA:** As abordagens do cuidado na produção científica da enfermagem reeditam ou criticam o estereótipo da “cuidadora natural”?
- **OBJETIVOS:** a) Mapear na produção científica nacional e internacional da enfermagem estudos que abordam a concepção de cuidado b) Identificar se na abordagem do cuidado das produções científicas há a reedição ou crítica ao estereótipo da “cuidadora natural”; e c) mapear os tipos de pesquisa, os locais e metodologias dos estudos e os principais resultados nas produções selecionadas.
- **Crítérios de inclusão dos artigos:** artigos de periódicos científicos; publicados nos últimos 5 anos; disponibilizadas na íntegra, nos idiomas português, inglês, espanhol ou francês, que que abordem a concepção de cuidado na enfermagem.
- **Crítérios de exclusão dos resumos:** artigos científicos publicados há mais de 5 anos; artigos repetidos; artigos não disponíveis na íntegra, artigos que não abordam o cuidado na enfermagem.

String de Busca	BASES DE DADOS			
	BVS		SciELO	
	*E	**S	E	S
((Enfermagem) OR (Cuidado)) AND ((Divisão do Trabalho Baseada no Gênero) OR (Feminização) OR (Relações de gênero))	1.688		65	

\*Artigos Encontrados na pesquisa em bases de dados

\*\* Artigos selecionados para compor o corpus da pesquisa.

**APÊNDICE II – Instrumento de Análise das abordagens de cuidado na produção científica da enfermagem: reedição ou combate ao estereótipo da “cuidadora natural”?**

**Título:**

**Autor/a:**

**Ano:**

<b>Objetivo:</b>	
<b>Concepções de cuidado:</b>	
<b>Abordagem do cuidado: reedição ou combate ao estereótipo da cuidadora natural?</b>	
1- O artigo aborda a questão de gênero em perspectiva feminista, para além da relação binária?	
2- A concepção de cuidado do artigo aborda as relações de poder e de gênero intrínsecas ao Trabalho do Cuidado?	
3- A produção científica reflete sobre as repercussões das desigualdades de gênero no trabalho do cuidado para as profissionais de enfermagem?	
4- O artigo problematiza a feminização e/ou o lugar social rígido atribuído a mulher em relação ao trabalho do cuidado?	
5- O artigo questiona o mito da maternidade presente no cuidado como um atributo exclusivamente feminino? Ou seja, reedita o valor moral de que as mulheres nasceram para cuidar?	
6- O cuidado da enfermagem recebe adjetivações morais inerente ao caráter da pessoa e não a sua competência profissional? Ex: nobreza, virtude, entrega, altruísmo, etc.	

Fonte: elaborado pela autora

**ANEXO I – JBI Critical Appraisal Checklist for Qualitative Research**

Reviewer..... Date.....

Author..... Year..... Record Number.....

	Yes	No	Unclear	Not applicable
1. Is there congruity between the stated philosophical perspective and the research methodology?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Is there congruity between the research methodology and the research question or objectives?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Is there congruity between the research methodology and the methods used to collect data?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Is there congruity between the research methodology and the representation and analysis of data?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Is there congruity between the research methodology and the interpretation of results?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Is there a statement locating the researcher culturally or theoretically?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Is the influence of the researcher on the research, and vice-versa, addressed?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Are participants, and their voices, adequately represented?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Is the research ethical according to current criteria or, for recent studies, and is there evidence of ethical approval by an appropriate body?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Do the conclusions drawn in the research report flow from the analysis, or interpretation, of the data?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**Overall appraisal:**      **Include**       **Exclude**       **Seek further info**

**Comments (Including reason for exclusion)**

Fonte: Lockwood et al, 2015.